

UM CARECA E UM MORANGO

Hyung Jin Moon

Tradução: Marcos Alonso

Ao Leitor

Muitos, nos últimos anos, devem ter notado minha passagem de ternos elegantes e cortes de cabelo da moda, para uma cabeça raspada e vestes monásticas tradicionais do oriente. A maioria, entretanto, não tem qualquer idéia do motivo dessa mudança ter ocorrido. Eu tenho ouvido coisas como: “Oh meu Deus, o que aconteceu com ele? Ele se tornou um monge Budista,” e “não o incomode, ele apenas gosta de artes marciais. Esta é apenas outra fase.”

Durante estes anos, entretanto, eu tenho silenciosamente atravessado muitos momentos escuros, verdadeiramente me desafiando a enfrentar a mim mesmo sem fugir. A passagem de meu irmão mais velho, Young Jin hyung,¹ a quem eu estou endividado e arrependido para sempre, foi um evento devastador em minha vida. Eu fui forçado a aprender lições dolorosas a partir de sua passagem, e até este dia as palavras que ele falou ressoam dentro de mim. Suas palavras me compelem a continuar perseguindo uma vida de penitência e treinamento. Eu o faço, porque devo isso a ele.

Esta é a razão pela qual eu, como também a minha moradia, a “Cottage House” em East Garden, sofremos algumas mudanças. Onde uma vez montes de lixo apodreciam, agora florescem jardins; onde uma vez havia caminhos desolados, agora há quedas de água requintadas. Quando alguém caminhar por East Garden também notará os santos e sábios representando todas as religiões e tradições espirituais e algumas outras surpresas para visitantes não familiarizados.

Estas mudanças externas (quer seja vestindo túnicas, cortando minha vaidade ao raspar meu cabelo, treinando meu corpo, ou transformando minha moradia), me fazem lembrar de meu compromisso interno e meus votos. Eu nunca tinha compartilhado essas coisas antes de uma forma pública, mas como eu serei um estudante graduado na Harvard Divinity School estudando Religiões Mundiais neste outono, eu sinto que é essencial permitir que todos conheçam quem eu sou e o que defendo. Isto é o que você segura agora em suas mãos.

Estas são minhas confissões, meu testemunho, minha história, minha vida...

Sobre o que é tudo isto?

Isto foi depois de estudar na Universidade de Fairfield onde, depois de ler Nietzsche, Marx, Hegel, Feurbach e outros pensadores da filosofia, eu questioneei a existência real de Deus. Ele era simplesmente uma manifestação projetada das qualidades desejáveis que nós, como extensões condicionadas sócio-culturais, divinizamos como um Deus? Eu ouvi muito sobre

¹ *Hyung* é uma palavra coreana utilizada por um homem mais jovem para expressar respeito para um irmão ou um homem mais velho.

um Deus (traduzido literalmente da palavra coreana: Hananim – significando “Respeitável Um”) nos discursos do Appa, e francamente não queria ouvir mais sobre isto.

Um dia eu estava no escritório do meu professor de filosofia, um sacerdote jesuíta, fazendo a ele esta pergunta: “Professor, como o senhor, com todo o seu conhecimento de Nietzsche, Hegel e outros assim, acredita em um Deus?” Ele me disse algo mais ou menos assim: “Eu olho para fora de minha janela e não vejo um conjunto de eventos aleatoriamente gerados e átomos em colisão. Eu vejo uma organização com ordem e beleza.”

Uma noite eu estava sentado em meu quarto quando fui chamado para ver a Mãe. Eu havia feito algo errado? O que seria tão urgente? Eu bati na porta e lentamente comecei a abri-la, chamando pela Mãe. O quarto estava escuro, e do outro lado havia uma luminária que iluminava no canto. Quando eu entrei, a Mãe estava na janela contemplando a noite escura.

Enquanto eu me aproximava, comecei a ver lágrimas brilhando e rolando por seu rosto. Ela me notou e rapidamente as limpou, segurando em minhas mãos. Eu sussurrei lenta e hesitantemente, “Mãe, está tudo bem com você? Qual é o problema?”

Ela levantou seu olhar, mas logo que me viu, ela chorou incontrolavelmente. Com uma voz trêmula ela me falou o que mudaria minha vida para sempre ...

“Seu irmão mais velho, Young Jin, faleceu.” Ela disse: “Ele teve um acidente.”

Meus olhos escureceram, “O que?!” Eu repliquei desafiadamente, “isto não é possível...”

Eu corri para o quarto vazio dele, gritando, “Onde você está?!!!” socando a parede, esfolando meus punhos, e caindo ensangüentado e exausto ao chão...

Young Jin hyung era meu irmão mais velho, um ano mais velho. Crescemos juntos, e por grande parte de nossas vidas, compartilhamos o mesmo quarto, os mesmos videogames, e os mesmos “Doritos”. Corríamos ao redor da propriedade, lutávamos contra monstros, e enfrentávamos alienígenas; nadávamos nos mares obscuros cheios de tubarões dentro da piscina; salvamos cidades dos bandos de “orcs e goblins” que vinham de algum lugar de trás do balanço; descíamos bem cedo de manhã para comer ovos mexidos com queijo, e algumas batatas assadas com coalhada e bacons fritos; desenhávamos heróis e vilões, jogávamos “Dungeons e Dragons” nos preguiçosos domingos de verão e assistimos o último episódio de “X-Men”; argumentávamos sobre isto e aquilo, saltamos de alegria, nas arquibancadas, abraçando todos ao redor, quando Barry Sanders rompeu as 2.000 milhas ao correr em Detroit; nós até mesmo nos casamos no mesmo dia...mas agora tudo isso acabou.

Por dias eu fiquei deitado em minha cama, me culpando, “se eu fosse um pouco mais compreensivo...se eu fosse um irmão mais jovem um pouco melhor...se ao menos eu estivesse lá, isto não teria acontecido...mas eu estava na faculdade, ele estava na faculdade...isto é culpa da universidade...se fossemos para a mesma faculdade, então isto teria sido diferente...”

“Porque isto aconteceu com ele? Porque não comigo? Ele sempre foi bom. Ele sempre fez o que os Pais diziam para ele fazer. Ele sempre teve sucesso, sempre foi bem na escola. Eu era o preguiçoso. Eu era o fracassado fora da escola. Eu era aquele que sempre foi chamado de “perdedor,” e sempre passando por “fases.” Se há um Deus, então porque levou meu irmão e não a mim?!!! Eu deveria ter ido! Deveria ter sido eu. Deveria ter sido eu”. Eu resmunguei, até adormecer.

Enquanto criança, eu havia experimentado a perda de outro irmão mais velho, Heung Jin hyung, e de minha avó, *Daemonim*². Mas com a passagem de Young Jin hyung, quando eu já estava com idade suficiente, pude experimentar o sentimento de perda, desespero e desamparo que acompanham a passagem de uma pessoa amada. Agora, eu tinha muitas novas questões e muitas novas prioridades. Agora a primeira prioridade era: “viver a vida em sua plenitude em cada segundo que eu tenho.” Eu pensava que era nas roupas, nos carros, no luxo, que eu seria feliz. Eu pensava que era sendo legal, estando na moda, tendo boa aparência que eu seria feliz. Eu pensava que era na popularidade, nos flashes das luzes, vivendo na grandeza, que eu estaria satisfeito. Mas eu rapidamente descobri que esta era uma estrada feia. Eu comecei a olhar para outra direção...

² *Daemonim* é um título de honra dado para a mãe da Verdadeira Mãe.

Parte I

O Sótão

Subir ao sótão cheio de teias de aranha é sempre uma tarefa assustadora. Uma pessoa deve reunir coragem para se aventurar naquele lugar. De pé ali, olhando para os degraus aparentemente sem fim que conduzem para aquele portal escuro no teto, é suficiente para fazer até os mais destemidos recuarem. Você sabe, o sótão range. Ele se contrai, e faz pequenos e quase imperceptíveis ruídos. Ele parece ser tão distante, mas também muito próximo. “Eu realmente não tenho que subir agora”, falamos para nós mesmos. “Eu posso dar uma olhada amanhã”, dizemos. Assim, vamos para a cama e dormimos.

De manhã, o despertador toca. As reclamações costumeiras de “é muito cedo,” “eu não consegui descansar direito,” “eu sou muito velho para estar andando a esta hora,” ressoam pelo ar. Partículas peroladas luminescentes flutuam à toa nas tiras do sol matutino, enquanto piscamos nossos olhos e cambaleamos indo esvaziar nossas bexigas. Seguimos para escovar nossos dentes, bocejando e sonolentos. “Escova, escova, escova, limpa os dentes, combate a gengivite,” repetimos.

O som familiar do escovar dos dentes e essa respiração fresca com sabor de menta; oh sim, nos preparando para abraçar um novo dia. Estamos prontos. Somos jovens, saudáveis, temos a vida inteira pela frente. “O céu é o limite,” dizemos, olhando para nosso reflexo radiante no espelho. Mas lá, fitando atrás do espelho está um semblante velho e grisalho. “Quem é esse?” perguntamos, assustados pelo olhar do intruso. “O espelho embaçado,” proclamamos em descrença, esfregando o espelho para uma “visão mais clara,” e esfregando até mais forte em nosso rosto.

Uma vez a vibrante juventude, cheia de vida, é substituída por um semblante de severa deterioração, a flacidez da pele tristemente caída, salientando os ossos. Ouvimos uma pequena voz dizendo, “você não deveria ter desperdiçado sua vida.” Girando ao redor vemos um espaço de hospital como todo aquele familiar “cheiro de hospital.” Você sabe do que estou falando, aquele persistente, onipresente, e estéril odor perfurando dolorosamente o seu nariz. “Eu ouvi alguma coisa?” perguntamos. Mas o silêncio começa a ressoar de forma penetrante.

Nos sentamos na cama, sentimos o frio da luz fluorescente chamejando e estremeçando em seus ruidosos zumbidos e clicados. Se debatendo em descrença, sentamos e lamentamos. Depois nos levantamos, sentamos e lamentamos mais um pouco. “Eu deveria ter ido até aquela escada.” “Eu não deveria ter ido para a cama.” Estes e outros elementos “deveriam” acompanhar uma imagem lúcida, quase como um filme, dessa porta do sótão.

Subir para o sótão onde reside nossa *Mente Original*³, é infelizmente apenas o primeiro passo. A incessante dor nas costas indubitavelmente irá embora quando o baú de tesouro for localizado e empurrado para fora do canto escuro. Esse baú com esse enorme cadeado? Quer

³ De acordo com a *Exposição do Princípio Divino* (em seguida: *Princípio Divino*), o qual contém revelações que o Reverendo Sun Myung Moon recebeu nos anos 50, e que se tornou o ensinamento essencial da tradição da Unificação: a *Mente Original* do homem é a parte mais íntima de uma pessoa que se deleita na lei de Deus. O caminho para a felicidade é alcançado pela superação do desejo que conduz para o mal e seguindo o desejo que busca o bem. A mente original do homem sabe que o mau desejo conduzirá somente para a infelicidade e a miséria. Esta é a realidade da vida humana: o homem vasculha na sombra da morte enquanto busca a luz da vida. *Princípio Divino*, (Nova York: Associação do Espírito Santo para a Unificação do Cristianismo Mundial, 1996).

apostar. É esse mesmo. Esse é o baú. É esse com sua alma dentro dele. Ouviu essa batida? Bem, esse é você. De dentro do baú, ou de fora? Onde está a chave?...

Em meu relacionamento com Appa, eu tenho recebido tremendos entendimentos que resultaram em uma mais profunda satisfação e apreço pela vida. A sociedade condiciona nossas percepções, tingindo-as com a sujeira indesejável, que cultivamos, para aceitá-las como nossa própria sujeira. Sua inculcação e aprisionamento de nossa mente é imperceptivelmente gradual; como um tumor que lentamente se reúne em silêncio emergindo apenas com potentes ruídos. Aceitamos o que ela considera ser bem e mal, sucesso e fracasso, normal e anormal e a lista segue adiante.

Eu era o mais jovem menino da família e provavelmente o mais mimado. Você sabe que o menino mais novo é geralmente o mais carente de atenção e tenta obter tanta atenção quanto possível. Bem, você adivinhou, esse era eu. Você sabe, eu estava confortável para me aproximar dos Pais e ficar alguns minutos sempre que eles estavam em casa depois de alguma viagem. Eu estava igualmente à vontade para falar com Umma.⁴ Mas Appa estava sempre muito ocupado, ou pensando, ou algo assim. Eu não podia com certeza preocupá-lo com minhas questões superficiais. Ele era tão superior e eu tão inferior. (Voltando a isso e especialmente agora, eu admito que este é o caso, em termos dele ser incomparavelmente superior a mim). Eu aceitei casualmente o que estava dizendo sobre Appa, e às vezes, eu descobria a mim mesmo acusando-o de ser um pai negligente. Mas eu compreendi que a verdadeira razão pela qual eu nunca consegui falar significativamente com Appa, era simplesmente porque eu nunca tentei.

Uma vez eu encontrei a exata antítese do que todas as minhas expectativas negativas estavam me dizendo, e que sem dúvida as negaria. Eu encontrei um pai extremamente atencioso e preocupado. Eu encontrei alguém, com oceanos de sabedoria, com amorosa compaixão, e interesse sincero e genuíno. Mas eu ainda encontrei alguns elementos de nossa interação que são, como eu posso dizer isto? Um pouco aborrecedor. Por exemplo, ele arrotaria enquanto estava falando comigo, e continuaria como se fosse completamente natural, todo o tempo soprando diretamente em meu rosto. Entretanto, estas idiossincrasias, eu convenci a mim mesmo, não devem me aborrecer o suficiente para mudar o foco de aprender do Appa. Eu concordei, embora um pouco insatisfeito (afinal de contas ninguém gosta de inalar um arrote).

Depois que eu comecei a crescer mais próximo de Appa, houve um momento surpreendente de esclarecimento, no qual algo me tocou como eu nunca havia sido tocado. Curiosamente, foi quando os pais estavam fora, que eu experimentei este momento de introspecção que mudaria para sempre meu relacionamento com Appa, Umma, e todos aqueles próximos a mim.

Quando eles saíram, eu não senti falta das horas de Hoon Dok Hae,⁵ ou do mar de pessoas que seguiam Appa. Eu senti falta de algo bastante diferente. Eu senti falta da forma como ele acenava com sua cabeça e esfregava seu queixo em séria contemplação. Eu senti falta da forma com ele limpava sua garganta e a forma como sua língua era colocada para fora quando ele tossia. Eu senti falta da forma como ele soltava gás, livre de vergonha, enquanto assistia vídeos coreanos na presença das pessoas que ele havia encontrado pela primeira vez. Eu senti falta da forma como ele podia virar para Umma sempre que cenas de afeto estavam sendo

⁴ *Unma* é a palavra coreana dentro da família para *Mãe*, comparável à *Mamãe* em Português.

⁵ *Hoon Dok Hae* traduzido literalmente significa "reunião para leitura e aprendizagem" e se refere à prática familiar diária entre os Unificacionistas que fazem leitura das escrituras depois de levantar de manhã.

apresentadas nas novelas coreanas, com um sorriso aveludado e suave, como se estivesse dizendo, “Umma, você é a mulher mais linda em toda a criação.” Eu senti falta da forma como ele pegava seu nariz e arrancava cabelos, e seu corpo todo sacudia com o puxão. Eu senti falta da forma como ele ficava transtornado conosco. Eu senti falta da forma como ele nos chamava de incompetentes na frente dos membros. Eu senti falta da forma como ele nos disse que todos seríamos colocados para fora da propriedade. Eu senti falta dele quanto estava de bom humor. Eu senti falta dele quanto estava de mau humor. Eu senti falta da forma como ele andava ao sair de seu quarto, abrindo e fechando suas mãos. Eu senti falta de falar com Appa, e eu, adivinhe, até mesmo senti falta da forma como ele arrotava enquanto falava comigo.

Sim, eu sei que isto parece estranho, mas quando entendi isto, eu compreendi algo ainda mais profundo. Eu compreendi o que verdadeiramente é liberação. Despertou em mim que liberação era a habilidade de permanecer grato por toda e qualquer coisa que Hananim nos permite experimentar, se a julgamos ou não, boa ou má – para plena e incondicionalmente aceitar o outro. Tudo de bom e tudo de ruim é definitivamente o que faz da vida, vida. E a gama de emoção, pensamento, sentimento, vontade, tribulação, vicissitude, caminhos, esforço, experiência, tristeza, felicidade, aflição, raiva, contentamento, depressão, compaixão, perdão, sofrimento, amor, alegria, satisfação, e assim por diante, isso é o que enriquece a vida, e faz dela, a vida.

Morangos

Era uma vez um humilde fazendeiro que labutava nos campos de arroz por todo o dia. Um dia, ele tirou um cochilo e quando despertou, já havia caído à noite. Ele se levantou e imediatamente partiu para casa. Tentando abreviar seu retorno, o fazendeiro decidiu pegar um atalho pela floresta. Enquanto caminhava, os sons da noite não podiam ser ouvidos, apenas uma coruja solitária podia ser ouvida ao longe. Havia alguma coisa no ar...

O fazendeiro apertou o seu passo, enquanto sua respiração começou a ficar ofegante. Ele pôde ouvir algo – alguma coisa procurando por ele, seguindo-o para matá-lo. Assim, ele começou a correr. Indubitavelmente, o fazendeiro agora ouviu passos pesados rapidamente se aproximando por trás – alguma coisa estava vindo. Ele podia ouvir sua respiração, salivando com fome. Temendo por sua vida o fazendeiro começou a correr com toda a sua força.

Mas de repente um precipício emergiu a sua frente e a fera estava se aproximando por trás. Ele saltou. Ele caía pelo ar quando fortuitamente se agarrou em um simples galho de videira que agora o sustentava evitando sua destruição. Lá em cima, a fera emergiu procurando por ele, e era um tigre monstruoso. Ele disse, “Suba aqui e eu devorarei você.” Nesse mesmo momento, o homem olhou para baixo, e da escuridão emergiu outro tigre dizendo, “desça aqui e eu devorarei você.” Mas isto não parou aí. Quando ele olhou, notou um rato negro e um rato branco roendo o mesmo galho da videira que sustentava sua vida – a videira da vida. Nesse exato momento ele contemplou diante de si um delicioso morango. Ele o pegou e o comeu – quão delicioso ele estava...

Então o que esta estória pretende nos dizer? Não parece um pouco abrupta e ostensivamente desajustada a sua conclusão? Bem, a estória está destinada a representar todos nós – nossa condição humana, por assim dizer. Estamos todos pendurados nessa árvore da vida. O rato negro e o rato branco simbolizando noite e dia nos empurram na direção da inevitabilidade da morte ou do sofrimento – o que vier primeiro. Todos iremos morrer (a única coisa sobre a qual podemos ter certeza), ou experimentar um momento de desespero.

Mas sustentamos que a mensagem da estória é reconhecer os “morangos” em nossas vidas, como o pôr do sol em uma caminhada no parque no domingo, ou mesmo uma conversa com um amigo, com o que você preenche as lacunas. Nossas vidas estão cheias de maravilhosos, ricos e aromáticos morangos, se estamos dispostos a prestar atenção ao momento aqui e agora. Nossas vidas estão cheias com momentos que são mais maravilhosos do que podemos imaginar e todos os seus sinônimos combinados, se prestarmos atenção.

Mas uma coisa notável aconteceu quando eu contava esta estória para Appa. Ele imediatamente disse, “Sim, meu filho, mas então você deve dar os morangos para os ratos e para os tigres”! Ao ouvir isto eu desfaleci! Esta foi uma resposta que não foi muito pensada, mas um reflexo do Appa, pois ele apenas respondeu. Ele, sem pausa para pensar, me soprou para longe com esta afirmação de profunda compaixão – ter o coração de dar os “morangos” da vida de uma pessoa para os mesmos seres que estão tentando trazer a sua destruição – amar completamente até mesmo o seu pior inimigo! Eu desfaleci. Quando despertei, estava careca.

Somente depois de experimentar esta sacudida na vida, eu pude honestamente considerar a mim mesmo como um “Unificacionista.”⁶ Antes disto, Appa era apenas meu pai, a quem eu respeitava pelo que ele tinha realizado. Mas nesse momento, Abonim⁷ se tornou meu mestre e guia espiritual. Ele não era alguém que apenas falava sobre compaixão, mas alguém que encarnava isto tão plenamente, que simplesmente respondeu sem qualquer esforço, refletindo seu ser, sua essência, sua aparência espiritual. Isto é o que foi tão impactante.

Ao crescer, eu ouvi o Princípio Divino,⁸ o que parece ter acontecido milhares de vezes, naquelas longas conferências que tínhamos que participar durante os seminários nos verões úmidos. Eu ouvi as explicações sobre amor, o coração e o sofrimento de Hananim, etc., mas nunca senti que isto tivesse qualquer relevância real para minha vida. Tudo era uma teologia que eu não rejeitava necessariamente, mas com a qual necessariamente eu também não me conectava. Eu participei e fui para nossos encontros, mais conectado com um sentimento de excitação do que com o que estava sendo ensinado.

Foi durante os últimos anos enquanto estudava tradições religiosas que eu tropecei nesta antiga parábola da tradição Zen do Budismo. Eu já acreditava que esta estória do morango era profunda, desde que a ouvi de mestres Zen, e que me inspirou. Entretanto, meu verdadeiro relacionamento com Abonim começou, após ter me respondido da forma como ele fez.

Embora ele fosse meu pai, eu nunca realmente me senti próximo, como a maioria, com seus pais. Crescemos muitas vezes vendo os Pais⁹ uma ou duas semanas, combinadas com várias visitas por ano, e mesmo assim apenas os cumprimentávamos durante as manhãs. Eles nunca foram uma parte real e interessante de minha vida como um jovem. Eu, muitas vezes, me sentia abandonado e desprezado. Nunca me conectei ao Pai, quando ele estava ensinando.¹⁰

⁶ O termo *Unificacionista* se refere àqueles que seguem os ensinamentos e revelações do Reverendo Sun Myung Moon e aceitam o Rev. Moon e sua esposa como os Verdadeiros Pais da humanidade.

⁷ *Abonim* é o termo honorífico coreano para *Pai* enquanto *Appa* é o equivalente para *Papai* em português.

⁸ O *Princípio Divino* traduzido do coreano se refere ao livro central de ensinamentos na tradição da Unificação.

⁹ *Pais* e *Verdadeiros Pais* são termos utilizados pelos Unificacionistas para se referir ao Rev. e a Sra. Moon, a quem os Unificacionistas acreditam que são os Verdadeiros Pais da humanidade.

¹⁰ Os termos *Pai* e *Verdadeiro Pai* são títulos utilizados pelos Unificacionistas quando se referem ao Rev. Moon. Da mesma forma os Unificacionistas tradicionalmente se referem à Sra. Moon como *Mãe*, ou *Verdadeira Mãe*. Estes títulos são comparáveis ao termo *pai* utilizado em outras crenças religiosas, como o Catolicismo Romano utiliza o termo *Papa* – uma palavra derivada do termo em latim para *pai*.

Eu me peguei dizendo para mim mesmo, “isto é para os velhos, pessoas não legais,” me apresentando indiferente, irritado e ressentido.

Mas eu estava em um ponto muito crítico em minha vida, quando contei para Appa esta estória do morango. E até mesmo estava lidando com muitos problemas em minha vida que estavam me conduzindo a valorizar as tradições religiosas e a vida espiritual. Mas quando ele respondeu da forma como fez sobre a estória do morango, eu compreendi que esta não era toda a teologia de Appa. Eu, pela primeira vez, compreendi que o que ele disse era uma parte íntima de sua existência, que ele nem teve que pensar sobre isto, esta foi naturalmente a resposta óbvia.

Ele era um mestre dos mestres Zen.

Depois disto, eu comecei a prestar mais atenção nas reuniões, durante os discursos, e nas conversas. Eu comecei a me tornar mais interessado no Abonim como um mestre religioso e espiritual. Eu comecei uma leitura através da série de livros de Hoon Dok Hae e descobri um lado para o ensinamento que eu nunca havia ouvido, muito menos, me conectado a ele. Eu li as palavras de Abonim que diz que, “se há uma pessoa que sente que as folhas são como seus filhos ou filhas e fala com elas, essa pessoa está perto de ser um santo. Vocês entendem? Essa pessoa não está louca.”¹¹ Eu compreendi que aquilo que eu pensava ser a totalidade do ensinamento de Abonim, o Princípio Divino, era meramente arranhar a superfície. Este é o ponto onde eu comecei a desenvolver um interesse acadêmico no Unificacionismo¹² e nos extensos ensinamentos de seu fundador.

Quem é você?

Sendo o filho homem mais jovem do Pai, eu tive a oportunidade única de fazer muitas perguntas de sondagem, como uma tentativa de descobrir profundamente o coração do Appa por mim mesmo. Eu aprendi a não ter expectativas, não julgar, ou ficar preso a algum ressentimento, mas verdadeiramente tentar ouvir objetivamente, como um estudioso, analisando, estudando uma tradição religiosa em particular. Este foco me permitiu minimizar qualquer potencial emoção ou bases experimentais que eu poderia ter ou me apegar.

Isto me permitiu comparar mais proximamente os ensinamentos com as outras tradições religiosas e apreciá-las mais plenamente. Isto me permitiu observar os muitos paralelos e pontos de união e convergência com todas as religiões do mundo, e me deu esperança no movimento, como aquele com o potencial para substancialmente manifestar a paz. É através deste tipo de estudo e curiosidade, que comecei a verdadeiramente acreditar que a mensagem e a missão de Abonim poderia verdadeiramente engendrar apreço, tolerância e respeito inter-religioso, nacional e racial (Cho-jong-gyo, Cho-gook-ga, Cho-in-jong).

Depois da passagem de Young Jin hyung, eu cuidei dos livros dele, e como ele estava estudando Estudos da Ásia Oriental na Universidade de Columbia no tempo de sua passagem, eu descobri a mim mesmo de novo e profundamente interessado na antiga sabedoria religiosa do Oriente. Eu comecei a estudar Confucionismo, Budismo e Taoísmo e fui intensamente inspirado por estas profundas religiões e escolas de pensamento filosófico.

¹¹ Sun Myung Moon, *O Caminho para Estudantes* (Nova York: Associação do Espírito Santo para a Unificação do Cristianismo Mundial, 2000), p.5.

¹² *Unificacionismo* se refere ao corpo de crenças defendidas por Unificacionistas, particularmente aquelas assentadas no *Princípio Divino* e textos relacionados.

Quando costumávamos conversar, Young Jin hyung, costumava sempre dizer para mim que, “a pior coisa é ser um hipócrita! Pare de ser um hipócrita! Você deve servir melhor os Pais. Você deve ter melhor devoção filial, você deve fazer isso melhor! Você não pode pedir para Abonim mudar. Ele está com mais de oitenta anos de idade! Isso é totalmente irrealista! É mais realista que você mude.” Eu estava resistente quando ele disse estas coisas antes de sua passagem, mas estranhamente estas palavras estão ressoando em meus ouvidos até este dia, e elas me trazem de volta para ser honesto comigo mesmo quando eu sou um hipócrita, como todos somos às vezes. Isto me faz mais ciente de minhas fraquezas, de minhas insuficiências, e por causa disto estou mais ciente que a mudança é um processo de contínuas escolhas. Sou tão grato por estas palavras de sabedoria que têm me ajudado através de muitas dificuldades.

No final, eu percebi que, em relacionamentos profundos e concretos, são as pequenas idiossincrasias e sutilezas – o que muitos chamam de “imperfeições,” “manias,” ou “raridades” – que são as coisas realmente muito preciosas. Essa é a forma como devemos pensar. Isso é o que devemos lembrar. Isso é o que faz essa pessoa tão especial, porque somente você (e talvez umas poucas pessoas) conhece estes segredos.

Você está autorizado a entrar nesse pequeno mundo secreto dessa pessoa. Ser livre e entrar nesse pequeno lugar louco que a maioria não deixa o mundo ver, é a verdadeira liberdade – é correr, não ameaçado pelo sótão e se esforçando avidamente para abrir o baú! É a alegria e satisfação que o baú do tesouro, depois de aberto, estabelece a liberdade. É o espírito planando, com o sopro do vento no cabelo, e voando na direção do novo mundo glorioso de proximidade e completo apreço.

Às vezes, até mesmo agora, eu penso sobre esse sótão com toda essa bagagem. Mas eu não vejo luz saindo de lá ou qualquer outra coisa. Eu não imagino mais os diferentes finais ou outras cenas. E eu não me sento e lamento mais. Eu estou interessado em fazer outra coisa agora – algo diferente. Eu estou agora mais interessado em notar os morangos, e então dá-los para os ratos e os tigres, por assim dizer.

Eu sei que não posso reescrever o passado. Nem posso escrever o futuro. Mas eu posso escrever o agora – o agora está se desdobrando enquanto dou uma lambida em meu dedo para virar as páginas do livro chamado vida. Eu ainda estou respirando e tenho o privilégio de ainda estar aqui nesta terra – mas e quanto a essa chave? A chave para o baú do tesouro no sótão – a chave que todos procuramos encontrar, de uma forma ou de outra. Bem, eu compreendi que a chave é o que define o espírito livre. Esta chave somos nós. Porque a chave não leva até o tesouro ... a chave é o próprio tesouro.

Transforme em tesouro aqueles ao seu redor, e só então compreenderá, que você é o tesouro.

Parte 2

Inimigo

_ “Appa, quando você estava na prisão, sobre o que falou com os guardas?”

_ “O que você quer dizer com isso?”

_ “Quando eles estavam torturando o senhor, houve algo que tenha dito a eles?”

_ “Eu disse que eles precisavam conhecer Hananim.”

Ao ouvir sua resposta, eu visceralmente vi uma imagem de um homem balançando um bastão ensanguentado, como se estivesse assistindo um filme. A câmera capta o sorriso cínico deste homem, como se ele estivesse dizendo, “Sim, eu quero matar você!” eu podia ver a mão dele com dificuldade, enquanto ela se movia diante da câmera, golpeando uma, duas, três vezes...eu fechei meus olhos. Tudo o que eu ouvia era profanações e pancadas, como carne sendo espancada, golpeada. Eu estremei ao imaginar a dor. E quando eu abri meus olhos, pude até mesmo ver as gotículas escuras voando através do ar – elas caíam com a inevitabilidade do horror silenciado, criando arte de salpicos enquanto elas se dissolviam no chão miserável.

Quando reflito sobre o que Abonim teve que suportar, eu sou abatido por sentimentos de humilhação, pois qualquer de minhas dificuldades ou obstáculos são meras mesquinhas. Eu não sei como ele fez isso. E não compreendo plenamente como ele pôde manifestar uma “resposta” de perdão e compaixão para aqueles que o bombardearam com malícia, literalmente batendo nele, e jogando-o fora como sobras descartadas.

É notável o que ele tem em seu reservatório de experiências de vida. Às vezes, eu pude ter um vislumbre de seu corpo cheio de cicatrizes quando ele recebe acupuntura ou massagem. Ele não gosta que as pessoas se penalizem por elas. O brilho das feridas profundas e dos cortes cicatrizados refletem sob as luzes, quando ele caminha até o seu quarto.

Em momentos assim eu sempre pergunto para mim mesmo, “Quais histórias estão por trás dessas cicatrizes?” Cada uma delas tem sua história única de horror; cada uma delas, uma pequena novela de carne rasgada, mas de vontade impenetrável. Às vezes eu me percebo dizendo para mim mesmo, “Appa é surpreendente”. Quando eu vejo essas cicatrizes, elas, de uma forma estranha, me lembram deste sentimento.

Eu não posso conhecer quais processos físicos Appa experimentou. Eu não posso conhecer a enorme emoção que acompanhou cada um das sessões de tortura.¹³ Eu não posso saber o que Appa estava sentindo ou quais palavras ele repetiu em sua mente, mas de alguma forma eu tenho uma idéia mais clara sobre sua alma. Eu vi sua autenticidade.

¹³ O Rev. Moon foi brutalmente torturado em 1946 pelas autoridades Comunistas norte coreanas. O Rev. Moon também foi sentenciado à prisão na Coreia do Norte em 1948, e passou dois anos e meio em um campo de trabalho forçado na prisão de Heung Nam, ao longo da costa nordeste do que é agora a Coreia do Norte. Ele foi liberado em 14 de outubro de 1950, quando as tropas das Nações Unidas tomaram muitas partes da região durante os primeiros meses da Guerra da Coreia.

Eu vi sua risada genuína e seus olhos sorrindo como um bebê. Eu vi sua ternura enquanto ele embalava meu filho em seus braços, suavemente balançando para frente e para trás. Eu vi um brilho radiante na forma como ele estendeu sua mão cicatrizada com amorosa compaixão na direção do homem que ordenou sua morte – abraçando-o como a um irmão.¹⁴

Esta é uma incrível mensagem de perdão, e quase literalmente da compaixão divina. Perdoar e amar o homem que quer assassinar você é indubitavelmente um dos mais difíceis desenvolvimentos e crescimentos religiosos e espirituais a se realizar. Sem pedir nenhuma explicação, sem exigir nenhuma desculpa, mas simples e profundamente amar, era o que Abonim praticava.

Há algo imensamente enriquecedor, quando podemos compreender que até mesmo o inimigo de alguém pode ser perdoado e até mesmo, ousado dizer, amado. Há uma liberdade no entendimento de que o amor é muito mais potente, poderoso, e duradouro do que o ódio e o ressentimento. Isto me fez perguntar: “Que tipo de ódio e ressentimento eu abrigo?”

Pare de me encarar

Eu não era sempre tão espetacular em minha reverência para meus pais. De fato, muitas vezes em minha adolescência, Eu era o típico ressentido, filho de ministro, sofrendo de auto-idolatria, ego-narcisismo e síndromes de criança divina.

Eu era o “sétimo filho homem e a décima primeira criança.” Eu nasci em 26 de setembro de 1979 em Westchester, Nova York. A partir daquele dia, eu entrei em um mundo com o qual os meus irmãos mais velhos já estavam lidando. Estávamos constantemente cercados pelos membros. Eu levantaria para pegar um copo de água e lá estava, no corredor, um completo estranho tirando fotos de mim! Eu sentia vontade de atacá-los, mas fazer caretas para estes intrusos teria que bastar. “Quem você pensa que é?! Eu nunca convidei você aqui. Eu nunca dei a você permissão para subir e tirar fotografias para sua agradável apreciação!” Eu podia ouvir a mim mesmo dizendo, “Dê-nos um pouco de espaço para respirar!”

Enquanto criança, eu não estava realmente incomodado pela constante vida pública para a qual estávamos sendo forçados, mas quando cheguei à adolescência, eu comecei a ficar mais sensível e as constantes aparições públicas começaram a se tornar um pouco atordoantes. Eu fui um skatista por algum tempo, e vestia calças jeans de tamanhos maiores, usava cabelo comprido; um grande contraste com a maioria dos membros que sempre se vestiam muito conservadoramente. Seríamos trazidos em público, em todas as ocasiões e eu ficaria ali, sentindo o frio julgamento de todos aqueles rostos, me observando, me interpretando, me rotulando de bom ou mal, (era assim que eu sentia). Eu literalmente podia sentir os olhares, assim eu ficava parado com aparente impaciência, com um rosto de irreverente indiferença estampada em meu semblante. Eu sabia que todos olhariam para mim, com suas poucas ou grandes expectativas, e eu queria que eles soubessem que eu não dava atenção para isso!

Um ódio muito amargo começou a emergir. Muitas vezes eu olhava para estes membros (estranhos para mim) com raiva, ressentimento, e o ódio começou a ferver dentro de mim. “Eles eram a razão pela qual eu não tinha uma vida normal! Eles eram a razão pela qual os

¹⁴ O Rev. Moon então encontrou o líder da Coreia do Norte, Kim Il Sung, na Coreia do Norte em 1991. Kim Il Sung foi o líder da Coreia do Norte durante o tempo quando o Rev. Moon foi aprisionado em 1948. Na ocasião do encontro deles em 1991, o Rev. Moon abraçou Kim Il Sung em uma expressão magnânima de amor incondicional.

Pais nunca estavam em casa! Eles roubaram os Pais de nós! Não somente isso, mas eles entraram em nossa casa, viram que estávamos zangados com eles, com os Pais, e nos julgaram como maus filhos, e o tempo todo estávamos destinados a ficar lá sorrindo, e fazendo rostos e poses.”

Eu sentava e fervia de raiva muitas noites, enquanto caía no sono. Eu odiava estas reuniões. Eu odiava esta casa. Eu odiava todas as coisas sobre a vida pública. Eu odiava a mim mesmo. Eu odiava a vida.

Lar é onde o coração está

Em meu primeiro ano na faculdade, eu comecei a ler prolificamente, especialmente sobre os temas e discussões relacionados a uma inteligência ou presença universal. Ao pesquisar sobre o assunto, eu aprendi sobre uma surpreendente descoberta da ciência moderna, definida na área da física quântica. De acordo com a física quântica, no menor e mais indivisível nível do átomo e da existência subatômica, há o quantum (quantum significa “quantidade” em Latim). Estes quantuns não podem ser divididos, e compõem toda e qualquer molécula, seja ela uma das moléculas que constituem o ar, uma árvore, mesmo você que está lendo este livro. Este é o mais fundamental bloco que constrói a existência. Mas a ironia é que ele nem mesmo é um bloco, mas está mais para uma frequência (como uma radiação de frequência delineada na teoria da superonda).

A descoberta de Einstein da teoria da relatividade ($E=mc^2$), onde energia é igual à matéria, golpeou a comunidade científica. Isto redesenhou o mundo, isso retratou nossa explicação Newtoniana pré-existente da “bola de bilhar” das leis da física. Entretanto, mais incrível do que isto era que Einstein, sobre quem aprendemos na faculdade, considerava a si mesmo como sendo uma pessoa profundamente espiritual. Ele disse, “o cientista é possuído por um sentimento de causalidade universal... seu sentimento religioso assume a forma de um assombro arrebatador na harmonia da lei natural, o que revela uma inteligência de tal superioridade que, comparado com ela, toda a sistemática de pensar e agir dos seres humanos é um reflexo absolutamente insignificante.”¹⁵ Esse é o mais conhecido gênio e cientista, exclamando sua crença devotada em Deus! Eu me lembro de nunca ter ouvido esse pequeno ponto na escola – pessoalmente, eu gostaria de ter conhecido!

Isto me deu uma nova perspectiva. Eu pude aprender bastante na escola, mas o que eu aprendi iria ser apenas o básico. Isto foi apenas arranhar a superfície da verdade. Estes líderes na física, cujas vidas foram devotadas para encontrar o que conhecemos e não conhecemos da existência, e que foram muito mais do que eu aprendi, tiveram profundas e estreitas vidas espirituais. “Deve haver alguma validade para a noção de um Deus que eu não estou exatamente vendo,” eu pensava. Eu refleti sobre estes e muitos outros elementos da pesquisa e da física, que decorreram em tão necessária inspiração, na realidade de minha reanimação espiritual.

Esta pesquisa me revelou um nível inteiramente novo de entendimento. Eu compreendi que se a física quântica está correta, então há uma energia universal (isso soa familiar?), sendo que toda matéria é composta de moléculas que são compostas de átomos, os quais são compostos de elétrons, prótons, nêutrons e as outras entidades subatômicas, os quais são compostos de

¹⁵ Albert Einstein, *Idéias e Opiniões – O Mundo Como Eu o Vejo* (New York: Bonanza Books, 1974).

quantum. Toda a minha vida eu tenho ouvido sobre a Energia Primária Universal,¹⁶ que estava em todo lugar – que encarnava toda a realidade e estava até mesmo na realidade que encarnava. Pela primeira vez eu pude cognitivamente e tangivelmente ver a prova deste conceito. Eu estava espantado, mas também resistente.

Se isto era verdade, então o que eu ouvi sobre uma Onipresença enquanto crescia, era verdade, mesmo pelos padrões científicos. Eu cresci na América com uma firme crença, aprendida pelo condicionamento cultural e acadêmico, na validade da ciência. Eu poderia atirar pela janela esta nova crença, porque ela dava credibilidade para algo que eu realmente não queria ter, que é a fé em um Deus? Até mesmo a ciência estava me dizendo que havia um onipresente nível quântico, uma denominação científica para Deus, basicamente para mim.

Eu estava indignado, perplexo, e curiosamente satisfeito. Eu compreendi que foi devido às minhas próprias inaptidões, minha instabilidade emocional, raiva, ódio, e ressentimento na direção da religião, que meu parâmetro conceitual (o filtro através do qual vemos a realidade) estava embaçado e obstruído. Estes estados negativos e aflitivos estavam entupindo este filtro, e a água estava saindo do filtro ainda mais suja do que quando entrava. Mas no momento quando eu compreendi que era devido à minha própria ignorância e descrença, este filtro conceitual começou a se tornar mais purificador do que envenenador. Eu conhecia a causa de meu sofrimento – eu era responsável.

No primeiro momento, eu não quis ouvir isto. O que você quer dizer com eu sou responsável? Eu nunca pedi para os membros estarem invadindo nossas vidas. Eu nunca pedi para eles levarem os Pais para longe de mim. Eu nunca pedi para ser quem eu era, como isto poderia ser minha culpa!? Eu não queria ter nascido em uma tigela de peixe. Eu não queria ser filmado sempre que tínhamos uma celebração. Eu nunca desejei ser forçado para a vida pública. Como isto poderia ser minha culpa!?

Com calma, eu fui capaz de pensar mais racional e logicamente. Eu compreendi que em cada momento de raiva, de ressentimento, qualquer que seja, eu tinha uma escolha. Eu tinha uma opção de, por um lado, ficar extremamente frustrado e irado, e por outro lado, não deixar isto me afetar. Eu estava criando meu próprio sofrimento.

O ensinamento Indiano sobre o Buda histórico descreve isto como sendo flechas venenosas de ódio, raiva, ressentimento, perfurando você. E não adianta perguntar de qual madeira a flecha é feita ou se as penas eram ou não de pombos ou de rolinhas. O fato é que existem flechas cravadas em você. As flechas representam estados negativos e aflitivos, e sempre queremos culpá-las ou aquelas pessoas sobre isso, ou expressar quão zangados estamos, mas apesar de tudo isso, as flechas ainda estão lá! Escolhemos reclamar sobre quanto as flechas estão nos envenenando, como estamos nos deteriorando e apodrecendo como resultado destas flechas, mas não escolhemos arrancá-las fora. Assim, eu compreendi que era devido ao meu apego à minha raiva e ao meu ressentimento, que eu não podia lidar com a pressão.

A partir deste ponto em diante, o mundo começou a se tornar mais e mais brilhante. Eu não tinha mais uma constante nuvem de chuva pairando em cima da minha cabeça, me seguindo onde quer que eu fosse. Eu estava começando a me sentir mais à vontade com a vida. Eu me

¹⁶ *Energia Primária Universal* como descrita no *Princípio Divino – Deus é o Criador de todas as coisas*. Ele é a realidade absoluta eternamente auto-existente, transcendente de tempo e espaço (Ex. 3:14). Portanto, a energia fundamental de Seu ser também deve ser absoluta e eternamente auto-existente. Ao mesmo tempo, Ele é a fonte da energia que habilita todas as coisas a manterem suas existências. Chamamos esta energia de "Energia Primária Universal." *Princípio Divino*, 28.

tornei mais capaz de encarar as coisas. De fato, eu lentamente comecei até mesmo a desfrutar da presença daqueles com quem havia estado ressentido.

Eu Pensei que o Pai era...

Eu me transferei para Harvard, e foi durante este tempo que os membros me viram com um visual totalmente novo. Eu agora vinha para as reuniões públicas para leituras espirituais com uma cabeça completamente raspada, um longo robe cinza até os meus tornozelos, e com contas de meditação ao redor do meu pulso. Muitos queixos dos membros caíram em descrença e crítica que aos poucos se tornaram mais intensas. Alguns me falaram que eu estava “envergonhando o Pai.” Ou que, “o Budismo era satânico”. Estas visões me fizeram compreender que se nós, como um movimento, acreditávamos nessas coisas, nunca seríamos capazes de auxiliar o mundo, curar o mundo – contribuir para a paz mundial. Somente poderíamos causar divisão, estarmos enredados na ira, e espalharmos ódio.

Eu recebi julgamento – cheio de olhares e eu sabia que até mesmo o Pai estava recebendo críticas por não me corrigir diretamente. Eu queria muito responder com descrédito, mas eu compreendi que ódio somente construiria mais mal-entendido, que combater fogo com fogo somente conduz para um incêndio ainda maior – somente uma mente amorosa poderia apagar os incêndios de ódio. Assim, sempre que recebia o julgamento de alguém, eu intensamente repetiria enquanto respirava: “que você possa encontrar verdadeira e duradoura felicidade...que você possa estar livre do sofrimento...que você possa ser paciente consigo mesmo e com os outros,” tentando enviar um coração de carinho como oposição ao coração de ódio. A maior parte das pessoas sempre tinha algo de negativo para dizer, mas ninguém observou que Abonim foi o único que nunca criticou. Ao invés, ele falou bem de mim e até mesmo me encorajou a buscar mais estudos e entendimentos religiosos.

Falando honestamente, eu, como 99,999% dos membros, mesmo aqueles extremamente próximos do Abonim, acreditava que Abonim seria intensamente oposto aos meus estudos e à minha aparência como um monge budista. Eu pensava que ele era um fundamentalista que via o Cristianismo como o único caminho verdadeiro, assim, com meu interesse no Budismo e no Taoísmo, eu pensei que seria excomungado. Entretanto, isto era exatamente o oposto do que eu encontrei. Appa estava orgulhoso que eu estava profundamente interessado em religião, e até este dia ele ainda me diz que eu devo continuar meu estudo das religiões. Isto me faz perguntar, “Se eu, como seu filho, fosse completamente mal-entendido pelo Pai, então os outros poderiam compreender plenamente?”

Eu encontrei uma tremenda liberdade, uma liberdade que Appa me concedeu. Eu ainda tentei encontrar uma única pessoa que refletisse o que eu descobri como um coração verdadeiro e cósmico, que Abonim exibiu em minhas conversas com ele. Eu compreendi nos estudos religiosos que é crítico observar o desenvolvimento e o progresso teológico do líder de uma religião. A maioria se esquece que o Pai vive além do Princípio (ou das antigas formulações de seus ensinamentos) e que ele está continuamente se desenvolvendo e revelando.

É lamentável, mas frequentemente os seguidores têm as mentes mais estreitas do que o líder. Uma vez o Pai disse, “meus seguidores estavam contentes com a luz da lanterna quando poderiam ter explorado a luz do sol.” Felizmente, eu descobri que a maioria dos Unificacionistas com os quais encontrei e com os quais falei, havia um profundo senso de apreço e respeito para as outras religiões que geralmente eram consideradas como satânicas por algumas crenças.

Fundamentalismo religioso é um grave veneno, pois pode sempre ser utilizado para justificar terríveis atrocidades – assassinatos, invasões, cruzadas. O fundamentalismo – como seu fracasso central – tem a incapacidade de ver toda a humanidade como irmãos e irmãs decorrentes de uma fonte divina comum. O fundamentalismo enxerga apenas em termos de salvos e condenados. Alguns acreditam que todos os blasfemadores serão condenados ao fogo do inferno pela eternidade. Se isto é assim, pense sobre que tipo de Deus teríamos. Este seria um Deus muito maléfico. Mas Abonim ensina que não podemos entrar sozinhos no Reino, mas que devemos entrar com nossa família – nossa família humana. Ele ensina sobre a salvação universal, onde até mesmo Hitler, Stalin, até mesmo o Diabo, Satanás devem ser perdoados na vastidão do amor de Deus.

Mas os fundamentalistas envenenam esta visão sobre o amor, sobre a compaixão de Deus. Os fundamentalistas permanecem auto-justificados e preenchidos com auto-justiça. Assim, eles podem se amarrar a uma bomba e matar centenas de idólatras em nome de Deus. Assim, eles podem permanecer cheios de ódio, de julgamento, de desprezo e vingança. Imagine um mundo cheio com este tipo de pessoas. Esse não é um lugar onde eu desejaria estar. Isto soa para mim mais como uma visão do inferno do que do céu.

Pedras Preciosas no Havái

Um exemplo recente deste tipo de discussão religiosa foi no Havái, em fevereiro de 2003, depois da renovação dos votos de matrimônio dos Verdadeiros Pais.

No segundo dia de nossa estadia, Abonim saiu para o Hoon Dok Hae e não estava em um dia favorável. Ele repreendeu os líderes, e quando olhou para a sua direita, me viu com minha touca de esporte na cabeça. No meio daquele momento, ele disse, “Tire a touca!” Ele imediatamente viu minha cabeça raspada o que o levou a falar impulsivamente, “É hora de deixar seu cabelo crescer.” Eu sabia que ele disse isto espontaneamente, mas porque isto foi dito na frente de dezenas de pessoas que eu não conhecia, eu também sabia que haveria rumores que circulariam, relativos a como eu estava causando problemas para o Pai, por causa de minha cabeça raspada. Eu estava um pouco deprimido.

Mas apenas para aumentar a minha ansiedade, na mesa do café da manhã, a Mãe mostrou o colar de Maitreya Buda que ela havia me pedido para comprar para ela no dia anterior. Os líderes na mesa prenderam a respiração... Abonim sorriu sem qualquer discussão e perguntou, “Oh, ele comprou isto para você? Quanto foi isto? É lindo.”

No caminho de volta para o hotel (tivemos que ficar em um hotel nas proximidades porque não havia espaço suficiente na pequena casa), minha esposa me disse para ser forte. Eu disse a ela que eu não estava preocupado com Appa, ele sabia onde estavam meus pensamentos, ele apenas disse aquilo no impulso do momento. Era somente aquelas pessoas na frente das quais ele disse aquilo, que lançariam seu julgamento.

A hora do almoço chegou e fomos chamados para comer pizza juntos em um lugar no centro da cidade. Eu estava um pouco deprimido, por isso Abonim perguntou qual era o problema. Minha esposa disse suavemente que eu tinha ficado um pouco preocupado, desde a manhã, por causa do que ouvi no Hoon Dok Hae. Eu então exclamei, “Appa, eu não sou um super-homem como você, eu sou humano. A cabeça raspada e o traje, servem como lembretes, “sinos de alerta,” para que eu inconscientemente não escorregue de volta para o secularismo. Este é a forma que eu estou constantemente chamando de retorno ao caminho espiritual.”

Appa então disse com um sorriso de orgulho, “Então raspe-a.” Eu fiquei orgulhoso quando sua aprovação foi dada diante de antigos líderes. Alguns minutos mais tarde, alguém observou, “Appa é cristão, mas você gosta muito de religiões da Ásia...” Eu imediatamente respondi que não acreditava que Appa era apenas cristão, porque se ele o fosse, isto tornaria desprezível a declaração de que ele é o Messias. Eu disse, “Se ele é apenas cristão, então ele pode salvar apenas parte do mundo, e quanto os outros bilhões de pessoas? Deveríamos atirá-los na água? Afogá-los? Que tal matar todos eles?”

Eu também lembrei todos sobre Abonim

Mudamos o nome do movimento de Associação do Espírito Santo para a Unificação do Cristianismo Mundial para Associação das Famílias para a Unificação e Paz Mundial. A ênfase se expande da mera unidade do Cristianismo para a missão mais abrangente da paz mundial.

Este movimento dá a Bênção do matrimônio (apenas o maior sacramento do Unificacionismo) para casar monges Budistas, gurus Hinduístas, imans Muçulmanos, rabis Judeus, sacerdotes Cristãos, Chefes nativos americanos, etc.

Continuamente enfatizamos que somos um movimento que deve estar, “transcendendo a religião, a nação, a raça e a té mesmo o mundo (Cho-jong-gyo, Cho-gook-ga, Cho-in-jong)”.

Afirmamos a visão do céu como um lugar onde Jesus chama Buda de “honorável Buda” e diz, “vamos adorar tanto na forma Cristã como na forma Budista.” Onde Jesus se dirige aos cristãos dizendo, “o que vocês pensariam sobre mim se me vissem agora, estando aqui junto com Buda, a quem muitos cristãos chamam de um adorador de ídolos? O que vocês pensariam de mim?” um lugar onde Confúcio e Maomé se relacionam na unidade dos líderes religiosos. Onde as pessoas religiosas mantêm suas respectivas identidades religiosas (Cristão, Muçulmano, Budista, etc.) e estão unidas sob a unidade de Hananim.

Mobilizamos milhares para advogar o estabelecimento de um conselho inter-religioso nas Nações Unidas, composto de todas as religiões, e não apenas para as religiões Abrâmicas (muitos acreditam que Abonim vê somente as religiões Abrâmicas como religiões verdadeiras e as outras como religiões pagãs).

Eu disse, “Se alguém acredita ou não nestas afirmações muito recentes, é uma questão individual. Entretanto, enquanto estudioso de religião, estes novos ensinamentos e afirmações de ecumenismo e verdadeira harmonia inter-religiosa parecem sugerir interessante progresso no desenvolvimento da tradição da Unificação e a missão recebida de seu fundador.”

Appa estava radiante. Acabamos de andar de cavalo por duas horas na fazenda, mas durante esse tempo no carro eu falei sobre este mesmo assunto. Eu expliquei como professores e pessoas de fora ficam absolutamente surpresas quando descobrem que eu sou filho do Pai. Eles percebem que o Pai é mais aberto, e não um fundamentalista Cristão de mente estreita, que apenas fala e canta “isso e aquilo” sobre inter-religião.

Eu lembrei a todos no carro que a missão do Messias que está descrita no Princípio Divino, está discriminada para unir todos os povos, religiões e raças. Eu falei sobre as religiões à espera de um salvador e como eu fui inspirado a aprender que o salvador é um motivo religioso comum encontrado na maioria das tradições – no Islamismo Shiita: o Mahdi; no Budismo: o Maitreya Buda; no Cristianismo: o Senhor do Segundo Advento; no Hinduísmo: o Kalki Avatar; no Judaísmo: o Messias.

No final de tudo isto, alguém disse, “Uau, Abonim aprendeu bastante hoje! O senhor não vai aplaudir o que seu filho disse?”, “Não, não, sinto muito, Abonim não aprendeu nada hoje. Isto é tudo o que ele ensina.” Então Abonim aplaudiu.

Esta experiência foi fundamental, porque ela demonstrou a todos no carro que a trajetória do movimento, como percebida pelo professor, não era nos tornarmos outra denominação cristã, mas que devemos nos tornar um movimento que abraça todas as tradições, enquanto o salvador deve ser o “servo-líder” de todas as tradições, povos e raças. Esta foi outra experiência que me deu imensa esperança para o futuro do Unificacionismo.

Também vemos este paralelo no antigo Cristianismo. Havia duas maiores posições teológicas. A “Petrina” a qual declarava que alguém efetivamente tinha que se tornar Judeu para encontrar Jesus, e a “Paulina,” a qual declarava que todos, mesmo os Gentios, poderiam seguir direto para Jesus sem circuncisão, restrições alimentares, etc. Estudiosos acreditam que, porque o Cristianismo adotou a visão Paulina, os antigos cristãos foram capazes de influenciar o mundo mais facilmente.

O que se torna uma questão fundamental para o futuro do Unificacionismo é se as pessoas de determinada fé podem seguir diretamente para os Verdadeiros Pais, ou eles devem primeiramente afirmar Jesus? Bem, se uma pessoa está prestando atenção ao que o Pai afirma tal como:

Compartilhar o sacramento mais central (a Bênção) sem exigir que os participantes mudem sua religião.

Mensagens espirituais descrevendo uma visão do céu que atesta para as várias comunidades religiosas demonstrando respeito para as outras tradições enquanto mantém sua própria fé religiosa.

Canonizar Jesus, Buda, Confúcio, Maomé, e outras figuras históricas, como santos da tradição da Unificação.

Esta é uma visão que eu acredito que pode mudar o mundo, que pode criar verdadeira e duradoura paz, e unir todos os povos de todas as raças, de todas as nações, de todas as religiões. Estas foram as verdadeiras pedras preciosas que foram encontradas no Havaí.

Parte 3

A Busca

Eu pesquisei por meses por um único carácter chinês, subindo até a rocha sagrada sempre que eu estava em casa, um carácter que pudesse resumir e encarnar o coração de Hananim. Eu ansiei em encontrar um único carácter que pudesse ser uma referência, um ponto de re-entrada contínua, para o Divino. Eu inicialmente pensei que este carácter era “Maum Shim” (o carácter chinês significando espírito, mente e coração) mas alguma coisa estava faltando.

Quando Appa retornou do exterior, eu pedi para ele compartilhar comigo qual carácter era o mais precioso para ele. Eu estava esperando por este momento, por este ensinamento, por esta sabedoria. Eu tinha pesquisado ansiosamente, mas encontrei um carácter que carecia de alguma coisa.

Sem hesitação, ele escreveu um único carácter (como eu pedi para ele limitá-lo a um). Este foi um momento, um esclarecimento que eu nunca devo esquecer...

Ele escreveu, Jung Sung Sung. Este carácter, como Abonim explicou, era a combinação dos caracteres para “palavra” e para “se tornar”. Em outra reflexão posterior eu compreendi que o lado esquerdo do carácter simbolizando oeste, era “palavra”, e que as Religiões Ocidentais (Judaísmo, Cristianismo, Islamismo) eram religiões baseadas na Palavra (Torá, Bíblia, Alcorão). A porção direita do carácter simbolizando leste, é “tornar-se” e que as Religiões Orientais (Budismo, Hinduísmo, Taoísmo, Confucionismo) eram religiões baseadas na forma de ser (primariamente utilizando a tecnologia psicológica de meditação).

Neste simples carácter, direita e esquerda, tradições Orientais e Ocidentais, foram trazidas à união para formar um único e dinâmico carácter – Jung Sung Sung (sinceridade). Eu compreendi que sem sinceridade, o coração é apenas um músculo bombeando sangue. Mas com sinceridade, o coração de Hananim e o nosso próprio coração não seriam dualidade, não haveria separação. Sem Sung, estaríamos eternamente separados. Com Sung, seríamos uma unidade.

Porque é que eu estou contando esta história? É para revelar qual é o carácter mais central para Abonim? Bem, sim e não. Nesta história há uma dinâmica que foi o verdadeiro esclarecimento. Todos nós pensamos que o carácter foi o esclarecimento, mas isto é apenas parcialmente verdadeiro. Vamos analisar esta história. Eu subi a montanha para encontrar o carácter que representaria Deus, o Caminho. Eu busquei, busquei e busquei – e exatamente neste ponto estava o problema.

O que Jung Sung Sung me ensinou foi que, “se você busca, não encontrará, e se você não busca, também não encontrará.” Não era sobre o buscar, mas ao invés, sobre o “tornar-se”. Não é sobre buscar pela paz, porque ela sempre estará um passo à frente, fugindo de nós. Isto é sobre ser a paz – e então ela não precisa ser buscada. Não é sobre encontrar a felicidade, mas ao invés, ser a felicidade. Madre Teresa disse, “Alegria não é simplesmente uma questão de temperamento, é sempre muito difícil se manter alegre...”¹⁷ Devemos nos tornar paz, não buscar por ela; devemos nos tornar amor, nos tornar compaixão, empatia, compreensão,

¹⁷ Madre Teresa, *No Coração do Mundo. Pensamentos, Histórias & Orações* (Novato, CA: New World Library, 1997), p. 27.

virtude, benevolência, paciência, humildade, gratidão, alegria, etc. Enquanto procurarmos a paz, nunca a traremos substancialmente para este mundo. Mas se nos tornamos a paz, e devemos nos tornar a paz novamente a cada novo momento, e a cada nova oportunidade, permitiremos tangivelmente que o mundo se torne um lugar melhor.

Na Coreia há uma expressão: “dar sinceridade.” Esta é freqüentemente utilizada por aqueles que estão fazendo práticas espirituais, oração, meditação, devoções. Porque na prática da unidade entre mente e corpo devemos dar sinceridade? Porque na prática da unidade de mente e corpo, não estamos falando sobre certas virtudes, estamos praticando para nos tornarmos estas virtudes. Praticamos ser amor, unidade, perdão, empatia e viver pelos outros.

Aprimorando a mim mesmo

Eu comecei muito jovem a treinar nas artes marciais. Entretanto, eu desisti com cerca de dez anos. Eu tinha coisas melhores para fazer – como andar de skate e causar problemas. No verão antes do meu ano como calouro na faculdade, eu recomecei novamente, com seriedade, as artes marciais. Eu fui das calças jeans penduradas na metade das minhas nádegas, para o traje chinês de Kung Fu. Isto foi um choque para meus colegas, mas eles sabiam que eu era louco.

Eu estudei com inúmeros instrutores e mestres me tornando adepto de vários estilos de artes marciais. Eu adorava a busca pela maestria nas artes marciais. Eu não tinha tempo para ressentimento, ou qualquer outra coisa deste tipo. Eu ansiava pela nova técnica, o movimento especial e secreto, que me daria a vantagem em um confronto. Meu mundo inteiro começou a ser saturado por esta renovada e absorvedora paixão. Eu literalmente não pensava em mais nada.

Eu não tinha nenhuma preocupação com status, com faixas pretas e todos esses outros reconhecimentos tradicionais. Eu apenas queria me tornar um grande guerreiro – um andarilho “perigoso”, que se é ameaçado, poderia causar extrema devastação. Eu treinei horas a fio, criando novos exercícios para aperfeiçoar meu movimento, velocidade e potência. Eu estava sempre me debruçando sobre técnicas em minha mente – fazendo cem, duzentas vezes um movimento, estudando cada detalhe de cada ângulo concebível. Eu adorava isto. Isto era o que eu entendia como – realmente viver. Eu olhava as pessoas na faculdade e ria delas. Eu não prestava atenção no que elas faziam, enquanto não tentassem começar algo comigo. Se elas o fizessem, estariam em problemas. Eu era convencido, arrogante, e cheio de orgulho. Eu não fumava, bebia, usava drogas, ou coisas assim. Quando me perguntavam por que, eu simplesmente dizia que me afeiçoara às minhas artes marciais. Ninguém tinha nada com isso.

Eu comecei a estudar, e se me lembro exatamente, com uma média de 1,6 e me graduei com uma média de 3,33. Eu estava tão obcecado por meu próprio aprimoramento, minha velocidade, meu nível letal, que eu também desenvolvi um enorme ego. Minhas notas foram se aprimorando enquanto eu me tornava mais interessado em utilizá-las para demonstrar minha valentia, não apenas no físico, mas também na esfera mental. Eu estava utilizando minha disciplina mental para melhorar a minha auto-imagem, fazendo dela mais incrível, mais impressionante, mais maravilhosa. Infelizmente, isto parecia mais e mais com outra coisa – parecia mais e mais com o diabo.

Atrás dessa porta está o Diabo

“O que é o caminho espiritual? O caminho espiritual é aquele do ‘auto-aprimoramento’, ‘auto-crescimento’, ‘desenvolvimento’, etc. Isto faz sentido, certo? Opressivamente, a resposta é: “sim, é claro,” “definitivamente,” “com certeza.” (Ao menos isto é o que a maioria diz quando eu faço esta pergunta). Infelizmente, esta forma de pensar e este caminho conduzem você para se tornar o diabo.

“O que! Não! Sobre o que esse careca está falando?” Eu geralmente faço uma brincadeira com as pessoas depois delas ouvirem isto, “Agora você pensa que o careca está absolutamente louco.” Mas, brincadeiras à parte, porque este é o caminho para o diabo? Eu pensei que este era o caminho espiritual. Eu pensei que estava me aprimorando, e assim eu poderia ser um santo.

Este é o perigo do caminho espiritual. É muito sutil quando você está lidando com a mente, coração, emoção, psicologia, consciência, espírito. Basta um pouco de ignorância, um pouco de mal-entendido, uma hipótese equivocada, e você pode ser levado para um lugar muito feio sem que se aperceba disso.

Vejo muitas pessoas, Unificacionistas e não-Unificacionistas da mesma forma, acreditando que estão seguindo o caminho espiritual. Se estão plantando árvores, alimentando os desabrigados, ou orando, eles estão confiantes que se tornarão um santo. “Eu oro dez horas por dia!” “Eu alimento cinquenta pessoas desabrigadas!”, “Eu fiz o trabalho de servir por um ano e meio! Eu criei tanto valor, todos deveriam estar gratos!” Alguns pensam assim.

Infelizmente, porque as pessoas acreditam que o caminho espiritual é aquele do auto-aprimoramento, há auto-engrandecimento, arrogância, e uma auto-justificativa cega que pode surgir, e por parecer correto...pode crescer. Esta arrogância está também auto-assegurada, significando que se está convencido de sua própria contribuição para a humanidade, para a história, para o Movimento, para o mundo, e tacitamente implica em um senso de auto-reconhecimento, de grandeza e orgulho.¹⁸

Esta é a arrogância, o orgulho, a soberba que o diabo exibiu diante de Deus (isto é afirmado em várias tradições). Esta é uma das mais fundamentais falhas do caminho espiritual. É a tendência humana ver o caminho espiritual como o auto-aprimoramento de uma pessoa. Infelizmente esse caminho conduz uma pessoa a se tornar mais egocêntrica, auto-absorvida e muito auto-obcecada.

Assim, como resultado, há uma tentativa de provar para si mesmo, demonstrar quão grande alguém é, usufruir da bondade de si mesmo. Julgamento de concorrência, medo, suspeita e desconfiança são os subprodutos de alguém que está, inadvertidamente e sem conhecimento, tentando demonstrar sua própria grandeza. Este tipo de pessoa, cheia de medo, com confiança abalada, e um ego muito largo (o que é um composto da auto-desilusão) é alguém que não pode estabelecer verdadeira unidade, verdadeiramente existir para o benefício dos outros, verdadeira e plenamente amar outra pessoa, ou ser feliz – simplesmente porque esse tipo de indivíduo está tão psicoticamente obcecado com o precioso ego, que ele ou ela tem que fazer esse esforço para se aprimorar, para crescer, para se desenvolver.

¹⁸ *Movimento e Movimento de Unificação* são termos utilizados pelos Unificacionistas para distinguir a *Igreja de Unificação* e a *Federação das Famílias para a Unificação e Paz Mundial* das organizações de Unificação mais amplas.

Auto-reflexão

Isto é difícil de encarar na primeira vez. É muito desagradável. Foi assim para mim também. Imediatamente nos sentimos muito desconfortáveis e muito defensivos. De repente enxergamos todas as armaduras, muralhas, altas torres, barricadas, que criamos, e assim, vemos quão frágeis e desnudos somos de fato. Nosso senso de grandeza fornece uma sensação de segurança, confiança, orgulho, mas agora isto está desfeito. Fitamos o nosso reflexo distorcido no espelho que agora está quebrado e então trememos, ao ver quão medrosos realmente somos. É terrivelmente assustador ver isto.

Entretanto, ninguém disse que seria fácil. O caminho espiritual é bruto. Ele é acidentado. Ele é brutalmente honesto. Não somos tão grandes como pensávamos; nem tão confiantes como pensávamos; nem como Deus como pensávamos. Seu cenário é espinhoso, denso, e cheio de armadilhas fatais. Mas devemos conhecer como é a floresta, antes de tentarmos atravessá-la – ao menos esta é minha opinião.

Ao enfrentarmos nosso pressuposto equivocado, podemos começar a ser libertos do caminho da ignorância. Assim, podemos encontrar, e não apenas encontrar, mas também nos tornarmos o caminho espiritual. O caminho espiritual não é de crescimento para o alto, mas ao invés, é o caminho de ir para o mais profundo; de deixar a individualidade de lado, de se render diante de Deus, de esvaziar-se de si mesmo, de morrer e nascer de novo. Render-se completamente diante da majestade da bondade de Hananim, é onde reside a verdadeira liberdade.

É neste ponto que podemos nos conectar com Deus, com a Mente Original, e com nossa bondade divina latente. Mas há uma armadilha. Se pensamos que é nossa própria bondade, nosso próprio poder, há o ego funcionando para ficar novamente maior. Devemos permanecer vigilantes, restringindo a tendência para o auto-engrandecimento.

Ao estarmos verdadeiramente abandonando a nós mesmos (nossos ódios, raivas, ganâncias, etc.) podemos verdadeiramente ser livres. Podemos estar livres de sermos agarrados, arrancando as mãos do ego de nosso caloroso coração natural de compaixão, amor, e a humanidade pode brilhar na seqüência. Neste ponto, podemos fornecer o claro fundamento para começar o caminho natural para aprofundar todas estas boas e amorosas tendências, e permitir que o Divino verdadeiramente se manifeste e toque este mundo de sofrimento.

Ego

Se de fato, o ego que eu estou sempre tentando fazer avançar, aprimorar, crescer e expandir, realmente existisse como uma entidade tangível, separada e concreta, então quanto mais escavamos o ego, mais aparente ele deveria se tornar – mais egocentrismo deveríamos ver. Mas o que acontece quando observamos mais profundamente? Vemos que somos uma combinação de muitas coisas – pensamentos, emoções, estados mentais, partes físicas. A noção de uma “individualidade” concreta desmorona, nossa noção de um ego concreto aparece para nós como realmente ele é – uma combinação de muitas coisas, incluindo medo, ausência de confiança real, insegurança, compensação por sentimentos de inadequação subjacentes, tentando provar para nós mesmos a grandeza de nossa individualidade.

Em um minuto estamos confiantes, e em seguida, alguém aparece em cena e somos imediatamente ameaçados e ficamos sem tanta confiança. Imediatamente rotulamos essa pessoa como um inimigo, um concorrente, alguém melhor ou pior do que eu. Existimos em uma obsessão neurótica, quase patológica com nosso auto-ego. Devemos defendê-lo a todo custo! Ele deve ser preservado!

Em nossas vidas, podemos conhecer algumas pessoas que são muito rápidas para apontar as falhas em todos os demais. Elas caminham pensando que o mundo é o problema. Infelizmente essas são as pessoas que estão cheias de raiva, ressentimento, carentes de confiança e que odeiam a si mesmas. Porque elas são tão desonestas consigo mesmas, estas pessoas provavelmente são os indivíduos menos confiáveis. Elas podem se colocar em uma aura de confiança, mas por trás reside uma criança, comparando seus brinquedos com os brinquedos dos outros, lamentando de modo a chamar a atenção, tentando diminuir os outros para se sentir auto-justificada. É claro, que se observarmos honestamente, compreenderemos que nós mesmos também fazemos estas coisas muito freqüentemente.

Quando nossa confiança e o sentimento de auto-estima são decorrentes de algo tão volátil como este oscilante amálgama de coisas que chamamos de auto-ego, podemos ver quão tênue é essa confiança e esse sentimento de auto-estima. Tudo o que é necessário é uma única palavra que desafie nossas defesas, nosso sentimento de segurança, nossa sensação de solidez, nossas realizações, tudo o que é necessário é uma mudança em nosso estado emocional, ou em nosso estado mental, (o que inevitavelmente) destruirá e suplantará esse sentimento de autoconfiança, com dúvidas insuperáveis.

Mas como é que podemos ser verdadeiramente autoconfiantes? Bem, primeiramente devemos entender que autoconfiança não significa ego-confiança – porque já vimos quão tênue isso é. Verdadeira autoconfiança somente vem quando podemos encontrar a verdadeira “individualidade”, a Mente Original, Deus. Em termos bem simples, isto significa aprofundar as qualidades de nosso natural e inato coração caloroso, compassivo, amoroso, carinhoso e empático.

Quando verdadeiramente nos entregamos – completamente deixamos nosso ego de lado; todos os nossos desejos, cobiças, ódios, preferências, ressentimentos, egoísmos – podemos ser esvaziados desta tendência de estar constantemente mudando nossa individualidade. Podemos ser alimentados a partir do aprisionamento da natureza do ego/auto-egocentrismo, e podemos permitir que naturalmente nossa mente boa, amorosa e compassiva brilhe na seqüência. Neste ponto podemos repousar na paz. Esta é nossa verdadeira “individualidade” – a individualidade que naturalmente sente empatia pelos outros que estão sofrendo de doenças, dores, como também de tormentos mentais.

Se sempre somos diligentes para esvaziar nossos egos, naturalmente limparemos a sujeira de nossa Mente Original. Se apenas focamos em nós mesmos, então um dia ruim, um argumento, uma crítica ou censura, pode completamente nos fazer submergir – algo tão insignificante se torna ampliado em uma iminente destruição mundial. Mas se cuidamos mais dos outros, o que é a inclinação natural da Mente Original, então podemos estar livres desta distorção e do sofrimento que ela gera. Se abraçamos em nosso coração, incluindo em nossa visão o sofrimento do outro, um dia ruim não será o fim do mundo.

Nossa predisposição natural em amar e ajudar os outros é a verdadeira fonte de estabilidade mental. Estamos verdadeiramente seguros, quando podemos repousar na natureza amorosa de nossas Mentes Originais. Somente se nos submetemos, nos rendemos, deixamos de lado nosso auto-ego, então nossa Mente Original, ou Hananim, pode brilhar com radiante poder. Se permitimos que Hananim nos preencha, através do esvaziamento de nossos egos, então podemos seguir aprofundando para o coração de Hananim, podemos estar próximos da morte, e então podemos renascer.

De Volta à Escola

Depois que eu me transferei para Harvard, comecei a estudar seriamente as esferas filosóficas, religiosas, psicológicas e científicas. No desenvolvimento de meus estudos, eu alcancei uma apreciação ainda maior de Hananim – visto em todas as fés, Deus, Tatagatagarba, Allá, Nibbana, O Tao (Caminho), e mesmo na disciplina científica, o quantum, etc. Se esta é a crença em uma energia cósmica, ou em Deus como onipresente, ou uma crença na bondade de todos, a questão é, que eu compreendi que todas eram formas diferentes de explicar “O Respeitável Um” e Sua realidade.

Inevitavelmente resultaremos em um rótulo único para “*O Respeitável Um*”, apenas quando todos *nós* formos únicos, porque isto não deve ser fonte de divisão e de diferenças. Apenas porque alguns chamam de “*O Respeitável Um*”, de Deus e outros o chamam de Vazio Absoluto, ou Allá, ou Poder Superior, não significa que devemos ver essas coisas como representando campos ou grupos diferentes. Não devemos nos colocar de um lado da linha e colocar os outros do outro lado da linha. De fato, esta linha nem mesmo deveria existir. Não somos adversários.

Eu me lembro de perguntar para um cristão, "Descreva Deus para mim, em detalhes."

Ele respondeu, "Ele é o Pai, o Filho, e o Espírito Santo."

"Tudo bem," eu disse, "mas descreva Ele, em uma explicação *detalhada*." "Isso não é possível, Ele é indiscritível – além de qualquer expressão."

Eu então fui e perguntei para um monge Budista de cinquenta anos, "Descreva o Absoluto Vazio para mim, em detalhes."

Ele disse algo assim, "é como uma luz de felicidade, uma aura de esclarecimento."

"Tudo bem," eu disse, "mas o descreva, em uma explicação *detalhada*." "Ninguém pode fazê-lo, é indiscritível, é além de qualquer expressão."

Em termos de cada uma das teologias, há diferenças entre as religiões, e até mesmo às vezes visões contraditórias. Mas não devemos confundir religiões, as quais ocupam um tempo definido no curso da história, com a Verdade, que não tem esta limitação. Até mesmo em nossas vidas, a religião surge depois do nascimento. Mas a verdade, algo que todas as religiões atestam, não tem tempo de existência definido. Ela sempre esteve lá.

Fundamentalmente, todas as maiores tradições religiosas têm o mesmo potencial para edificar uma *pessoa humana* mais profunda e mais amorosa. As qualidades únicas de cada religião são especiais e únicas como indivíduos neste planeta. Se descrevemos Deus em termos *apofáticos* ou *catafáticos* (via *positiva* ou via *negativa*, em termos negativos enquanto *não isto* ou *não aquilo*, ou em termos positivos enquanto *é isto* ou *é aquilo*) as tradições religiosas sem quaisquer equívocos, apontam para a Transcendência. Pode haver várias tradições, mas permanece a mensagem fundamental de amor, compaixão, perdão, empatia, compreensão, etc.

Este é realmente um assunto entre *tema e variação*. Os *temas* de servir os outros além de si mesmo; a preciosidade da vida física; a vida após a morte; ser mais paciente, honesto, reflexivo, que perdoa, compassivo, etc. são temas essenciais para os ensinamentos de todas as maiores religiões. Nas teologias, mitologias, histórias e rituais pode haver grande *variação*.

Mas devemos lembrar que os temas cingindo estas variações compelem as pessoas das respectivas crenças a viverem uma vida de amor, zelo e auxílio aos outros.

Esta é uma grande esperança, na promoção da verdadeira apreciação e tolerância trans-cultural e inter-religiosa. É minha crença que o diálogo entre as religiões é parte do processo de paz. Entretanto, diálogo apenas não é suficiente. Devemos *ser unidade*. Assim, eu acredito que é essencial para as pessoas de fé, experimentar, praticar, e expressar devoção em relação às outras várias culturas religiosas.

Isto é muito difícil, é claro, quando inevitavelmente trazemos nossos preconceitos. Assim, a tarefa para pessoas religiosas é se tornar mais ciente destas tendências, e preparar um coração de fraternidade comum e aceitação com relação as pessoas de outras crenças religiosas. Isto não significa que jogamos fora os valores morais de nossa tradição, mas isto significa que resolvemos mais firmemente descobrir os pontos de unidade, ao invés da divisão em relação aos nossos outros irmãos e irmãs.

No mundo moderno, as divisões entre ideologias conduziram e têm conduzido às guerras por todo o globo. Cristãos matam cristãos na Irlanda do Norte, Judeus, Muçulmanos e Cristãos assassinam uns aos outros em Israel. Hindus e Muçulmanos matam uns aos outros na Índia, e a mortandade continua. Nesse mundo, muitos podem se tornar bastantes céticos sobre a religião, e de fato, podem dizer que ela é o problema!

Mas esta análise não é inteiramente suficiente. Muito freqüentemente temas políticos e étnicos reforçam os conflitos religiosos. Fanáticos religiosos podem e têm utilizado a religião para justificar o assassinato – mas este é apenas um lado da moeda. Quantos assassinatos foram desencorajados, evitados ou interrompidos por causa dos ensinamentos das religiões? Os ensinamentos de "amar teu vizinho," e de "tirar a trave de seu próprio olho antes de falar do outro," têm guiado e beneficiado a humanidade por séculos.

Em minha opinião, apesar de que as religiões pareçam representar um problema, paradoxalmente elas são a única chance que este mundo tem para realmente realizar a *paz*. Está no núcleo dos ensinamentos das religiões o que nos compele a amar, a cuidar uns dos outros, e aprender a empatia e a paciência. A mensagem central da religião é permitir que as pessoas se tornem mais amorosas e humanas. Você poderia imaginar uma religião que explicitamente ensina a matar, estuprar e roubar? Isto seria o inferno.

Abonim freqüentemente diz que em um estado ideal de existência, a religião não seria necessária. Eu não acredito que isto significa a destruição e opressão das tradições religiosas, pois isso seria simplesmente uma repetição dos males do comunismo. Entretanto, isto pode significar que podemos descobrir por nós mesmos muito mais semelhanças do que diferenças, independentemente de qual "religião" possamos pertencer. Isto se refere a falar de uma consciência fundamental (a *Mente Original*) que pode enxergar a bondade nas pessoas. Isto pode exigir que sigamos além de nossa confissão denominacional, e enxerguemos uns aos outros como irmãos e irmãs de uma humanidade comum.

Estamos todos interligados através de uma rede gloriosa de *pacotes* de energia quântica, de esperanças e sonhos, de desejo de descobrir o significado e ser feliz na vida, de experimentar o sofrimento, de cometer enganos, de alcançar as estrelas, de almejar a paz de espírito, e talvez, de encontrar e se tornar uma unidade com "*O Respeitável Um*".

Aqueles perto de você conhecem suas pequenas imperfeições: a forma como você coça sua cabeça ou, a forma como você tenta dançar, ou qualquer outra coisa. Estas são as coisas que

nos fazem rir com lágrimas de alegria, quando se está distante. Há um incrível sentimento de conforto e alívio, ao saber que outro ser humano pode doar-se inteiramente, sem medo de julgamento ou de gozação. Podemos recordar como essas pessoas eram livres para se mostrarem plenamente para nós, sem moderações, porque elas genuinamente *confiavam* em nós. Esta confiança com liberdade é o que é necessário para trazer as religiões à unidade, e fazê-las transcender suas respectivas posições teológicas. Eu compreendi que sistemas de fé foram as únicas formas para expressar de uma mesma maneira a crença em algo maior do que nós mesmos.

Acreditávamos que poderíamos chegar à lua, e assim fizemos. Acreditamos que a vida seguirá, que teremos felicidade, e que encontraremos verdadeira e duradoura paz e alegria. Estes não são objetivos que podemos alcançar, ou nos aproximar deles, se, e somente se, primeiramente acreditarmos que eles são possíveis? Isto não é crença – em algo como a vida, ou mesmo a inevitabilidade da tristeza ou do sofrimento – que pode ser muitas vezes o antídoto para as nossas lutas cotidianas?

Eu tive meus altos e baixos na vida, e escrevi uma reflexão que obtive através de meditação em meu diário. Está escrito:

"Vida é apenas um piscar. Ela ocorre sem ser percebida. Estando ciente, nossas vidas se tornam significativas ou sem significado. Se aqueça na infinita glória que é essa piscada. Observamos isto através de seus infinitos estágios. Sinta e torne-se esse piscar. Pois se você não faz isso, esse piscar, como muitos outros, serão perdidos para sempre."

Esta coisa que chamamos de vida, pode ser tão preciosa, tão enriquecedora. Ela é apenas um momento na eternidade, um vislumbre em uma extensa dimensão de tempo, mas ela é algo que incrivelmente vale a pena. Esse momento é um momento eterno. Ela é um momento único em toda a eternidade, e é até mesmo mais preciosa do que a própria eternidade, porque você começou a experimentar *esse* momento. Quando penso sobre isto, eu fico extremamente grato.

Compreendendo minha própria mortalidade e a natureza evanescente da vida, e paradoxalmente, isto me torna mais sensível pela vida. Isto faz meus *adeus*, e meus *olás*, mais significativos. Isto faz minha esposa, nossos filhos, seus risos e nossos tropeços em conjunto, mais significativos. Isto faz meus pais, meus irmãos, meus mestres, meus mentores, o mundo, mais significativos. Isto faz "*O Respeitável Um*" mais significativo.

Em resumo, eu compreendi que todas as coisas preciosas para mim, sem dúvida me deixarão um dia. Assim, enquanto estão aqui, eu tentarei nutri-las com cada grama de meu esforço. Eu *não* esperarei pela morte para olhar para trás e dizer com arrependimento, "Eu deveria ter prestado mais atenção," "eu deveria ter subido para o sótão e descoberto a minha essência," "eu não deveria ter desperdiçado minha vida com raivas e ressentimentos", "eu deveria ter tido mais *vida* quando estava vivendo."

Definitivamente, todos iremos fazer a passagem, e muitas vezes *vivemos para morrer*. Mas todos nós, sem exceção, estamos *morrendo para viver*. Não desperdice um momento. Não deixe tudo isso passar por você. Não deixe isso ir embora. Encontre-o. Suba até o sótão, com toda aquela bagagem pendurada lá em cima. Organize-o. Faça mudanças. Faça a paz, seja feliz, e deixe que a alma voe livremente no glorioso coração de *amor*.

Todos fazemos escolhas. Todos decidimos. *Nós* somos responsáveis. Uma vez que aceitemos isso, podemos começar a *escolher a vida*...

A vida é como uma mancha de areia em um Deserto de Eternidade...

Esteja seguro que não ficará sendo soprado por aí pelos ventos de sua Mente.

Parte 4

O Formato do Diamante Quebrado

“*O Respeitável Um*” olhou para baixo para o mundo um dia, e decidiu esconder dez diamantes de inigualável beleza e brilho. Ninguém havia repousado seus olhos em diamantes com esta forma radiante e luminosa – de modo que até mesmo o rei mais rico morreria por ele. Naquela noite, “*O Respeitável Um*” escondeu-os secretamente, um a um, até que todos estivessem enterrados em lugares ocultos no mundo. Mas quando o “*Respeitável Um*” escondia o último diamante, este se quebrou em inúmeros pedaços. Suspirando, o “*Respeitável Um*” cuidadosamente colocou os pedaços estilhaçados junto e escondeu-os entre as montanhas celestiais. Ali os pedaços remanescentes do diamante estilhaçado repousavam.

Enquanto o tempo passou lentamente, a história dos diamantes escondidos se espalhou pelo mundo. Reis e vagabundos da mesma forma, vasculharam as terras em busca destas preciosas gemas. De tempos em tempos, rumores de descobertas começaram a se materializar pela terra. Estórias disto e daquilo se espalharam atizando as multidões. Houve assassinatos e roubos – todos desejavam os diamantes. Sangue jorrou diante dos olhos, paranóia, ambições insidiosas e raivosas infestaram a humanidade.

O mundo estava escurecido. Figuras diabólicas agora vagavam pelo mundo. Se escondendo nas sombras, não se podia confiar em mais ninguém – todos desejavam os diamantes. Os nove diamantes estavam circulando pelas mãos de muitos, sempre sendo arrancados por mãos sanguinárias e gananciosas. Gritos eram ouvidos, enquanto sons de luta e desconfiança atravessavam a espessa noite. Tudo parecia perdido.

Mas um dia uma criancinha estava brincando nas montanhas. Nesse dia a criança viu algo que mudaria o mundo para sempre...

Entre um rochedo distante, a criança viu um brilho de luz. Ao olhar mais de perto, emergiu um pedaço do último – e estilhaçado – diamante. Este diamante seguramente ninguém queria. Ele estava em pedaços. Todos os outros diamantes estavam inteiros, como deslumbrantes criações. Mas este estava quebrado. Assim, a criança retornou toda manhã ao romper da aurora. Lentamente, pedaço por pedaço, a criança começou a remontar o diamante quebrado.

Anos se passaram e agora a criança era uma figura velha, ainda juntando os pedaços do diamante quebrado. Esta foi a tarefa de uma vida inteira – somente três pedaços faltavam e tinham que ser encontrados. O velho homem procurou dia e noite descobrindo dois dos três pedaços faltantes...faltava somente um pedaço...

O velho homem podia andar com dificuldade, enquanto ele tomava fôlego. Sua garganta estava se degradando com a dureza da vida. Mas ele continuou a procurar. Quando sua frágil estrutura sucumbiu sob seu peso, ele caiu ao chão. Estendido ali, ele estava clamando ao “*Respeitável Um*”, implorando por ajuda para encontrar o último pedaço...

A neve caía silenciosamente. O velho homem estava deitado na extensa cama de neve. Ele ergueu sua mão congelada para o céu, e uma peça vivamente brilhante refletiu a partir da base de uma árvore, se ajustando ao espaço final, completando o diamante quebrado. O diamante brilhou com incessante luminosidade enquanto a luz dissipou os séculos de escuridão. O diamante estilhaçado, depois de ter suas partes juntadas, brilhou mais intensamente do que

dez mil sóis reluzentes – seus ângulos e fissuras refletiam tanta luz, que esta não poderia nem mesmo ser extinguida.

O homem juntou todo seu esforço e com o restante de vida que tinha, elevou a gema na direção do céu e sussurrou: "Eu estou devolvendo o que sempre foi seu," enquanto respirou seu último suspiro. “*O Respeitável Um*” o ouviu e sorriu agradecido.

Abonim nos contou sobre a estória do diamante quebrado. É claro, eu tomei a licença poética para torná-la mais dramática, mas a essência principal da estória permanece. *Abonim* disse que alguém era necessário para buscar o diamante quebrado, porque ele era a gema que ninguém queria, ou que todos esqueceram. Mas ele disse que um verdadeiro filho de devoção tomará a gema quebrada com muita gratidão como se fossem mil diamantes perfeitos, e então o oferecerá para *Hananim*.

(Em Chung Pyong¹⁹ na sala de jantar durante o tempo em que eu estava na Coréia para o Dia do Verdadeiro Deus²⁰ em 2002).

Falando ao telefone...com Deus?

Curioso, eu perguntei para *Abonim* se ele realmente ouve uma voz quando fala com *Hananim*. Ele disse que não ouve uma voz, mas que ele imediatamente sente e sabe.

Isto é fundamental, uma vez que aponta para a natureza de nosso relacionamento com *Hananim*. Se *Abonim* ouvisse uma voz, isso significaria que *Hananim* e *Abonim* estão separados, divididos, apartados. Mas porque ele sente, isto demonstra unidade, singularidade, unicidade. Eu tenho perguntado para muitos membros esta questão sobre se *Abonim* pode de fato ouvir a voz de *Hananim* ou não. Esmagadoramente a resposta é um confiante, "sim, é claro."

Novamente, porque entendemos errado esta natureza fundamental de nosso potencial relacionamento com o Divino, muitas vezes podemos nos sentir abandonados, não correspondidos, ou não ouvidos. Porque buscamos por um relacionamento externo com *Hananim*, podemos nos sentir divididos. Na série de livros de *Hoon Dok Hae, O Caminho para Estudantes*, *Abonim* afirma: "Então, onde Deus existe? Ele não está no mundo espiritual, mas em nosso coração, no centro de nosso coração." (p.5)

Novamente, isto atesta que devemos olhar profundamente para nosso interior – polir a gema que é a Mente Original. Devemos ser capazes de nos reconectarmos com nossa bondade inata, com a compaixão, o amor, etc. Se estamos sempre tentando encontrar *Hananim* no firmamento, falharemos em enxergar os amorosos dons que estão constantemente diante de nós. Nós temos os dons de sermos capazes de andar, correr, falar e respirar. Temos o dom da vida, da saúde, de nossos amigos, os entes amados, a habilidade para observar um lindo pôr do sol (não somos cegos), ouvir um pássaro gorjeando na fria manhã (não somos surdos), cheirar a fragrância de uma flor desabrochando, tocar a suavidade de uma floresta de cogumelos, saborear o frescor da água pura e clara, sentir medo no cume de uma montanha muito alta, pensar pensamentos, ter esperança pelos sonhos, e desejar a felicidade dos outros.

¹⁹ *Chung Pyong* se refere a um local sagrado na Coréia para o Movimento de Unificação em âmbito mundial. O local contém um templo, um edifício de seminários e um hospital.

²⁰ *O Dia do Verdadeiro Deus* é o título utilizado no Movimento de Unificação que se refere ao primeiro dia do ano novo, primeiro de janeiro, um dia que os Unificacionistas dedicam a Deus.

Muitos neste mundo não têm a habilidade para fazer muitas destas profundas coisas que nos permitem sentir intimamente a maravilha de ser humano. Muitos têm doenças, ou outras condições clínicas que as impedem de experimentar estes dons da vida. Eu não acredito que isto seja porque somos naturalmente melhores do que alguém, mesmo que possamos experimentar estes dons profundos. Não é porque somos melhores, mais fortes, ou mais merecedores. Isto foi simplesmente dado. Quando me lembro disto, a concentração em uma simples respiração pode purificar a pior raiva ou frustração. Eu posso sentir extrema gratidão – conectado com a vida, com o cosmos, com Deus. (Em família, durante o dia, mas a hora exata não pôde ser lembrada)

Coisas para apreciar

Eu disse para *Abonim* que em meu respirar e em meu caminhar, eu estava prestando atenção ao fazer isso. Eu disse que acreditava ser importante sempre permanecer grato. Eu acrescentei, "quando estou andando, tento andar com *Hananim*. Quero dizer, suponha que eu tive um acidente de carro e perdi minhas pernas. Certamente eu desejaria andar de novo e até mesmo me arrependeria de não ter sido grato quanto tinha a chance de andar. Há tantas pessoas que não podem andar. Muitas que têm dificuldades para respirar devido a doenças. Podemos viver sem a respiração? Se não respiramos, morreremos."

Appa sinceramente sorriu e acrescentou, "o coração pulsa também."

A conversa continuou brevemente, porque como me lembro, a refeição de *Abonim* havia chegado.

(1º de abril de 2002, 5:51 da manhã, em minhas conversas com *Abonim* durante a primavera)

Bênçãos

Quando falei com *Abonim* sobre minhas aulas de Religiões Mundiais em Harvard, eu mencionei que pela primeira vez eu pude compreender quão extraordinário foi ele poder se mover além da *Igreja de Unificação* e começar a *Federação das Famílias para a Unificação e Paz Mundial*. Enquanto um fundador religioso, *Abonim* estava transcendendo a organização central que ele havia fundado, se movendo além de sua própria criação original.

Eu também falei sobre a importância fundamental da Bênção. Eu disse para *Abonim* que eu estava ciente que as pessoas o criticaram por não fazer nada substancial, e a Bênção era evidência do fato. Eu compreendi que o caminho da Bênção era de um sacramento para sanar as divisões religiosas, históricas e culturais entre grupos e indivíduos, começando com o mais íntimo dos relacionamentos – esposo e esposa. Eu perguntei, "o que mais os membros das respectivas religiões teriam em comum, se eles não fossem *abençoados*?"

O que um Muçulmano do Egito tem em comum com um monge Zen da Coréia? Bem, ambos são humanos. Ambos respiram. Eles também são *abençoados*. Ser *abençoados*, isso edifica uma ponte irrevogável de comunhão e parceria que eles (os participantes de todas as crenças) não teriam de outra forma. Mesmo na Bênção, há representantes de todas as crenças do mundo dando bênçãos para os casais e então *Abonim* e *Umma* finalizam as uniões com os votos.

Eu ponderei comigo mesmo, "Qual das religiões do mundo trazem representantes de *outras* religiões para dar aos *seus* membros, as bênçãos do matrimônio em uma cerimônia

ecumênica?" A resposta a qual eu cheguei foi, "não há ninguém que eu conheça." Assim, eu compreendi que a visão de *Abonim* era verdadeiramente além da religião. Esta Bênção é "mudar a linhagem de sangue de Satanás para a linhagem de *Hananim*." Assim ela serve, a partir de uma perspectiva teológica, como o mecanismo pelo qual os participantes podem reafirmar e professar a presença do Transcendente no mais íntimo dos relacionamentos humanos. Este guarda-chuva de crenças realizado em conjunto pela visão de *Abonim* serve como uma obrigatória e unificadora força para todos os participantes. É uma cerimônia religiosa surpreendente para testemunhar.

Eu pensei sobre isso da seguinte forma: normalmente pensamos que diálogo é suficiente – em outras palavras, esse trabalho inter-religioso está baseado em diálogo. Entretanto, podemos imaginar se a vida inteira com nosso cônjuge fosse somente baseada em diálogo. É como apenas ser capaz de falar com nosso cônjuge no telefone, por toda a duração do relacionamento. Pense quão incompleto e inadequado isso seria. Pense sobre quanto duraria esse tipo de matrimônio.

Atividade inter-religiosa, para ser verdadeira, profunda e duradoura, deve ser vista, eu acredito, como casamentos – casamentos de amizade, entendimento e apreço. Não se pode apenas falar sobre essas virtudes de paz, apreço e entendimento; é claro que não se está dizendo que o diálogo não seja importante, mas dizemos que se este é o *único* método de dar e receber, ele está extremamente truncado.

Você vê, a Bênção é um modelo incrível, com uma profunda sabedoria subjacente. Essa harmonia verdadeira deve ser uma experiência vivida. Esse verdadeiro apreço e amor devem ser vividos; devemos *nos tornar* paz verdadeira – vivida a cada momento entre esposo e esposa, branco e negro, leste e oeste, norte e sul, etc.

(10 de maio de 2002, 5:04 da manhã.)

A Lagoa

Enquanto eu olhava para a lagoa – dependendo de meu foco – uma imagem inteiramente diferente emergia. Quando relaxava meus olhos, eu podia ver o reflexo do vasto céu azul, o dossel fresco acima, e pássaros voando com um gorjeio ocasional. Mas quando focava na água e não meramente na sua superfície, eu via abaixo o mundo profundo. Eu via rochas, animais, todo um ecossistema, mas eu tive que manter meu foco, porque se, mesmo por um segundo, meu foco relaxasse, esse mundo profundo desapareceria e a ilusão dos reflexos re-emergiriam e dominariam minha realidade.

Ocorreu-me neste exato momento, que esta mesma visão, de fato refletia a realidade de nossa existência. Sem o foco apropriado, com uma visão apenas relaxada, o mundo de aparências se sobrepõe a qualquer realidade mais profunda. O que está abaixo da superfície desta coisa que chamamos de vida? A maioria, infelizmente, nunca penetrará nela. O reflexo da superfície é poderoso, mostrando-nos nossas casas, carros, ostentações do sucesso, nossos cães, etc. Podemos sem relutância começar a acreditar que de fato esta (o que somos capazes de ver com nossa visão relaxada – o que encontramos nas bases do dia a dia) é a realidade do mundo inteiro, do universo, ou de *Hananim*. Mas o que repousa abaixo?

Esta questão é da maior importância. Tal como no caso da lagoa, nunca poderíamos nos imaginar residindo abaixo da fria superfície com suas algas escorregadias, com escuridão e umidade. A água é uma coisa temerosa quando somos substancialmente imersos dentro dela. Nossos instintos naturais de luta ou fuga são substancialmente afetados quando estamos

imersos na água. Nosso movimento está perplexo, não podemos respirar sob a água, estamos no ambiente mais estranho, nossa visão está literalmente embaçada (seres humanos processam 90% da informação através do campo visual), etc.

Este é o mesmo caso com a realidade da lagoa que chamamos de nosso mundo, nosso cosmos, nosso *Hananim*. Há crianças cujas vidas estão nas sombras, quando a morte desce seu véu sobre os olhos delas, enquanto as mães choram, clamando pela ajuda de alguém. Há nossos companheiros seres humanos, ociosos em casas cheias de fezes, tossindo dentro destas casas prontos para morrer no chão frio e sujo – sozinhos. Há aqueles sem nada para comer; aqueles sem visão, sem audição, sem membros. Há um *Hananim* que clama como a mãe vendo seu filho magro e respirando ofegante por ar...com fome...por vida. Quanto sofre o mundo sob o reflexo persistente de nossas vidas confortáveis. Ele é frio, escuro, sofrido, cheio de dor, angústia, doença, e morte. Estamos na lagoa, no frio, no mundo estranho, estamos com medo.

Mas qual é a verdadeira natureza do medo existencial? É uma emoção – um sentimento ou uma combinação de muitos estados e sentimentos?

E quem realmente tem controle sobre nossas emoções e sentimentos? Somos nós. Este mundo abaixo da superfície, esta realidade de nossos irmãos, e de nosso Pai Celestial é temerosa para nós, porque nos obriga a olharmos para o passado buscando apenas a nossa própria felicidade (O que é *felicidade?* – a ser discutido). Quão conveniente é cobrir nossos olhos quando vemos crianças na África morrendo ou pessoas caminhando em Manhattan como mortos-vivos? Quão conveniente é proteger nossos olhos para não ver nossos irmãos acorrentados nas prisões espirituais. Quão conveniente é esquecer do mundo, do cosmos, de *Hananim*, ou de nosso sofrimento interconectado?

Entretanto, há ainda um brilho – um brilho de esperança nestas águas escuras. Se podemos aprender a controlar nosso medo, dirigi-lo, ele pode ser utilizado como um companheiro. Podemos utilizar esta sensação de medo, não para fugir como de costume, mas para nos impulsionar com coragem para abraçar, amar, *servir* este lado sofredor do mundo. O medo em si mesmo pode ser transformado. Se vivemos assim, com a constante consciência das *reflexões sobre o mundo submerso*, podemos tirar as pessoas, tirar a humanidade, tirar *Hananim* destas condições de sofrimento. Podemos transformar o sofrimento em liberdade.

O dojo²¹

Porque nos casamos? O Pai fala sobre *sexo absoluto*. Isto é mero anseio de prazer sexual? Apenas satisfazer nossa própria necessidade? Não. Com nosso cônjuge podemos ser completamente nós mesmos – ser espontâneos nesse momento. Podemos dar ao nosso cônjuge um profundo sentimento de apreço, respeito, e adoração, e isso é quando a união sexual é verdadeiramente absoluta e uma experiência do Divino.

Se alguém está envolvido em sexo livre e almejando sexo para a sua própria satisfação, isso é um reflexo de nossa mente exigindo, desejando – ganância. Queremos alguém para o nosso próprio benefício. Isto certamente não aumenta nossas possibilidades de felicidade duradoura e não impede o sofrimento. Se exaltamos a visão global de que os outros são objetos para satisfazer *nossos* desejos, então fundamentalmente envenenamos nossos corações. Quando eles não nos dão mais satisfação, perdemos nosso interesse, nossa compaixão, nosso zelo por

²¹ *Dojo* é um termo japonês que se refere a um lugar especial para treinamento de artes marciais.

eles. O relacionamento se torna condicionado somente a quanto o outro é gratificante para nós.

Isto demonstra uma ignorância fundamental sobre o fato de que os outros, tal como nós, desejam encontrar felicidade e evitar a dor. Quando estamos apenas tentando agradar a nós mesmos em nosso matrimônio, então facilmente ficaremos frustrados com o cônjuge, se ele não se equipara às nossas expectativas. "Porque você não fez isto dessa forma," ou "porque você não disse isso desta forma," ou "eu sou o sujeito, você é o objeto" etc. Todo sentimento de respeito e amor mútuo está subvertido.

Quando temos expectativas avassaladoras em nosso relacionamento conjugal, fazemos duas coisas muito opressivas: limitamos e confinamos nosso cônjuge, limitamos tudo o que ele ou ela tem para oferecer e está oferecendo; e nos fechamos em nós mesmos, e deste modo não podemos reconhecer toda a unicidade, as características *únicas em todo o mundo* que fomos abençoados para experimentar. Tentamos ajustar essa pessoa ao que eu quero, ao que eu preciso, ao que eu desejo, e na medida que fazemos isso, nos tornamos cegos para descobrir os tesouros dentro de nosso cônjuge.

Amor no matrimônio não é meramente para uma única pessoa. Nossa ação de dar amor depende do outro recebê-lo e nossa ação de receber amor depende do outro dá-lo. Somos interdependentes. Assim, o *sexo absoluto* tem um relacionamento diretamente proporcional com a felicidade? O sexo físico enquanto ocorre, se o fizéssemos constantemente sem fim, estaríamos em muita dor.

Assim, minha definição de *sexo absoluto* é nosso relacionamento *completo* com nosso cônjuge. *Sexo absoluto* é união, um abraço íntimo, uma troca de amor. Esta é uma perfeita metáfora para nosso matrimônio – deveríamos sempre estar unidos como esposo e esposa. Quando estamos pensando sobre como servir melhor nosso cônjuge, isto pode ser *sexo absoluto*. Quando nos abrimos para nos comunicar com nosso cônjuge, podemos servir melhor um ao outro, e isto pode ser *sexo absoluto*.

Tente esta meditação:

Sente relaxado, feche seus olhos, e visualize seu peito abrindo, e seu coração batendo e pulsando. Ofereça este sentimento de vulnerabilidade, despido e sem máscaras. Abra-se mais plenamente, dando verdadeiramente tudo o que você tem – seu amor, seu coração, sua vida. Expanda este amor para que ele permeie plenamente o pulsar do seu coração. Sinta as sensações de calor e formigamento. Expanda o amor ainda mais para incluir suas costas, se movendo para cima para seu pescoço, seu queixo, bochechas, olhos, sobrancelhas, cabeça. Deixe este gesto de abertura de amor preencher seu corpo inteiro, sua mente, e seu coração. Abra ainda mais, e expanda o amor completamente até seu cônjuge. Expanda o amor para incluir sua família, seus filhos, seus pais, seus avós. Expanda o amor então ainda mais dez metros para incluir seu vizinho, seu bairro, sua cidade, seu estado, seu estado vizinho, e assim por diante até incluir seu país, seu mundo, seu cosmos, e Deus.

Se você tentou o exercício acima, pode se sentir um pouco diferente. Somos geralmente fechados em nossos relacionamentos. Geralmente somos defensivos e auto-justicados. Para um relacionamento verdadeiramente pleno devemos nos esforçar e completamente dar para o outro. Podemos aprender e praticar esta virtude e este coração com nosso cônjuge mais prontamente. Quando vivemos com alguém, inevitavelmente concordaremos e discordaremos.

Mas esta é uma grande bênção. É uma chance, uma oportunidade para aprofundar nosso entendimento um do outro. Há uma escolha – a opção de apenas ser defensivo e meramente se justificar, protegendo o ego. Ou há a opção de ouvir, aprender e aprofundar.

No matrimônio, podemos ser a porta de Deus para nosso cônjuge. Podemos ser o local onde o cônjuge perde a identidade do “eu” e experimenta a Transcendência. Este é um lugar onde definitivamente seremos testados e tentados. Ficaremos frustrados, auto-justificados, zangados, etc. Mas se caímos subjugados por estas emoções aflitivas, rapidamente azedaremos qualquer hipótese de um relacionamento verdadeiro, pleno e duradouro.

Assim, eu compreendi que matrimônio é treinamento – treinamento para minimizar o receber egoísta e maximizar o dar altruísta. A liberdade é encontrada neste crítico relacionamento humano. Porque esta é a única situação onde nós, e nossas deficiências, somos totalmente revelados, onde nos é dada a chance de nos tornarmos cientes dessas deficiências e somos desafiados a criar um amoroso e encorajador modo de ser, onde podemos aprofundar nosso relacionamento e coração. Nos tornamos livres de nossos próprios desejos de auto-serviço e somos desafiados a amar, a servir e a dar, para o benefício dos outros no matrimônio, somos tanto *um* como *dois*. Assim o treinamento para unidade mente-corpo se torna essencial para o nosso relacionamento como esposo e esposa. Através do nosso treinamento individual de minimizar o receber egoísta e maximizar o oferecer, nos potencializamos para sermos *verdadeiros cônjuges*, dando ao nosso cônjuge *liberação, e verdadeira e duradoura felicidade*. Podemos ser a doença, ou a resposta para a nossa própria doença, assim como a doença de nosso cônjuge e sua resposta, uma oportunidade de ser duradoura e verdadeiramente feliz. Recepcione a si mesmo e ao seu cônjuge, no *dojo* e esteja pronto para treinar!

Existir para o benefício dos outros

Abonim tem dito que seu ensinamento central não é nada mais além de: **viver para o benefício dos outros e encontrar seu verdadeiro “eu”**. Se ouvirmos com atenção, compreenderemos o que está acontecendo. Nossa forma convencional de entender a essência da realidade nos diz que o “eu” está dentro de nós. Está em relação ao mundo, como uma encarnação de verdade individual: uma entidade distinta e única que se relaciona com coisas separadas de nós mesmos (nuvens, árvores, montanhas, etc.), e coisas dentro de nós que podem estar igualmente separadas de nossa verdadeira e absoluta “individualidade”. Os pensamentos, emoções, suposições dentro de nós, a partir de nossa forma convencional de realidade, são reais. Entretanto, qual é então o absoluto sentido de realidade? Ele é meramente a forma convencional de consciência interpretando e reinterpretando o mundo diante de nós?

Ouçã cuidadosamente a afirmação: *viver para o benefício dos outros e encontrar seu verdadeiro “eu”*. Você ouviu isso? Ouça agora com um pouco mais de atenção. *Viver para o benefício dos outros e encontrar seu verdadeiro “eu”*. Onde está agora o seu verdadeiro “eu”?

Exatamente...nos outros.

Portanto, como isto pode nos ajudar? Como este é um ensinamento *cujo tempo chegou*? Bem, se é verdade que nosso *verdadeiro “eu”* está nos outros, então deve ser verdade que inversamente, os outros estão em nós. Isto é tanto uma mudança de perspectiva como também uma mudança ontológica. Isto não nega que estamos aqui! Por exemplo, o leitor está aqui e agora, lendo este livro. Normalmente pensamos que nosso *verdadeiro “eu”* está em nós

mesmos, assim, separamos nosso ser do mundo ao nosso redor. Nos tornamos uma ilha em nós mesmos – um microcosmo do mundo que ironicamente está separado do mundo, ao menos perceptivamente. Podemos às vezes perceber a nós mesmos proferindo coisas como, "*Minha vida é meu problema e sua vida é seu problema.*"

Infelizmente essa tem sido a percepção histórica da ontologia do “eu”, ou nosso *verdadeiro “eu”* nessa perspectiva. Mas vamos dar um giro de 180 graus. Vamos enxergar nosso *verdadeiro “eu”* nos outros. O que isto significa? Bem, uma coisa muito notável.

Isto demonstra que não estamos separados do mundo ao nosso redor, que somos interconectados e responsáveis. Isto elucidada o significado de responsabilidade, sendo que a auto-responsabilidade aponta para o fato de que quando ferimos os outros, prejudicamos a nós mesmos – somos prejudicados pelo veneno, ou o ódio em nossas mentes. Isto demonstra que estamos muito mais conectados, que temos muito mais em comum, que há uma conectividade que nos interliga, mas isso repousa oculto sob o véu do convencional mundo de separações.

É inegável que o “eu” necessita comer, que necessita de amigos, que precisa de trabalho, que sente dor, etc; isto é certamente muito real. Mas este é nosso habitual nível de percepção. Assim, quando dizemos que o “eu” está nos outros, isso não nega o “eu” como convencionalmente descrito, a saber, o “eu” dentro de nós mesmos? Sim e não. No nível da realidade convencional (ou realidade consciente), eu me relaciono com o mundo manifestado como uma encarnação de verdade individual. No nível de realidade absoluta, nosso *verdadeiro “eu”* é um, transcendendo dualidades e separações com os outros, com o mundo, etc. Ambos são reais, mas têm qualitativamente essências únicas.

É desta maneira que compreendemos a profundidade do ensinamento, *viver pelo benefício dos outros e encontrar seu verdadeiro “eu”* – porque neste ponto enxergamos a coexistência de *dualidade e unicidade*. É dito para *nós* vivermos para os *outros* (o que sugere a *mim* viver por *você*, ou em outras palavras, uma *dualidade*) e a absoluta realidade de descobrir nosso “eu” em todos os outros, transcendendo assim a distinção de “eu” e *você*, e tornando-se uma *unicidade*.

É somente através de ter a experiência concreta, que podemos trazer a unidade da dualidade para nossas vidas. Normalmente somos parciais, na medida em que estamos predominantemente na área da realidade convencional. *Quando podemos nos tornar uma unidade com tudo, tudo pode se tornar uma unidade*. Assim, quando entramos novamente em nosso modo convencional de consciência, seremos diferentes. Não vemos as crianças famintas no terceiro mundo e pensamos que isso é lamentável. Vamos agora enxergar a nós mesmos como a criança nesse país do terceiro mundo faminta por comida, por amor, por vida. Eu sou essa criança!

Somente se experimentamos o “eu” absoluto, na realidade absoluta, nossa consciência convencional pode ter um novo filtro para ver o mundo e enxergar nossa relação com ele. Podemos crescer mais compassivos em nossas interações com o mundo, se e somente se, tivermos nos tornado a própria e singular conectividade – já não veremos mais o mundo como separado de nós, mas como intimamente conectado conosco. Assim, quando vemos o sofrimento mundial, não o vemos como algo não relacionado conosco, mas o vemos como nossa própria dor, nossa própria fome, nosso próprio sofrimento – até mesmo o sofrimento de *Hananim* como o nosso próprio sofrimento.

Este é o significado de verdadeira soberania. Quando focamos somente em nosso próprio sofrimento, então funcionamos a partir de um sentimento de desespero e fraqueza – sentimos

como se não tivéssemos controle, não podemos parar de sofrer. Mas quando enxergamos os outros sofrendo como se fossemos nós mesmos, quando praticamos e sentimos isto como sendo nossos próprios sentimentos, fazemos uma volição para enfatizá-lo – nós *escolhemos* experimentar o sofrimento dos outros como nosso, *por nossa própria opção*.

Isto destaca uma diferença fundamental entre viver por nosso próprio “eu” e *escolher viver para o benefício dos outros*. Viver somente para nos mesmos, faz com que nos sintamos impotentes – à mercê do que a vida nos dá. Mas *escolhendo* viver para o benefício dos outros, obtemos autoconfiança através da força interior derivada de nossa Mente Original de amor. Temos *escolhido* servir os outros por nossa própria volição – a partir de uma posição de força, não de fraqueza ou de impotência. Quando temos esta perspectiva, podemos verdadeiramente viver uma vida, *vivendo para o benefício dos outros*.

Parte 5

Os Oito Estágios de Perfeição

Abonim frequentemente fala sobre os oito estágios de perfeição. Geralmente pensamos sobre eles em termos de degraus, como de uma escada. Tendemos a dizer que, "eu primeiramente farei o nível individual, então me moverei para o nível familiar, então para o nível de tribo, para o de sociedade, para o de nação, então o de mundo, o de cosmos, e então *Hananim*." Vemos estes estágios como separados, divididos, segregados. Este entendimento está absolutamente errado.

Quando vemos como *Abonim* desenha os oito estágios de perfeição, ele nunca os desenha como uma escada. Ele sempre os descreve como um círculo dentro de um círculo, dentro de um círculo, dentro de um círculo e assim por diante. O que isto nos ensina? Bem, que de fato há apenas um único círculo – há apenas um único centro. Todos eles estão unidos, conectados, inter-relacionados.

Assim, a mesma felicidade que buscamos como indivíduos é a mesma felicidade que todos os indivíduos de nossas famílias definitivamente buscam. A paz que desejamos ter é a mesma paz que nossas sociedades, nações e o mundo desejam. Esse amor pelo qual ansiamos é o mesmo amor que *Hananim* deseja experimentar.

Normalmente separamos o método do objetivo. Geralmente os vemos como duas entidades diferentes com um conduzindo para o outro. Mas talvez este seja um entendimento limitado. Pensamos, "tudo bem, apenas mais cinco degraus para a paz, a felicidade, o amor, etc." Entretanto, se pensamos desta maneira, a paz sempre estará se evadindo de nós. Ela sempre será a culpa de outra pessoa, o problema de outra pessoa, etc. Paz não pode ser pensada como um objetivo, mas ao invés, viver a paz é tanto o processo como o objetivo. A cada passo do caminho, devemos *ser* paz. Então não teremos que buscá-la. A paz já estará aqui.

Lembra do *Jung Sung Sung*? -- "*Se tornar sua palavra*." Assim, se falamos de *paz*, devemos *ser paz*. Se falamos de *amor*, devemos *ser amor*. Se falamos de *compaixão*, devemos *ser compaixão*. E assim por diante.

Esta é a grande esperança desta profunda expressão que caracteriza *Abonim* e que ele compartilhou comigo como sendo a mais importante, a mais central expressão que devemos entender. Neste carácter de sinceridade (*palavra + tornar-se = sinceridade*) vemos a chave para a paz, o amor e a felicidade. Vemos a possibilidade da realização da paz e a harmonia mundial. A chave é *ser* de novo e de novo a cada momento, com cada nova respiração, com novo esforço e dedicação.

100 milhões de dólares

Você gostaria de ter 100 milhões de dólares? Isto daria a você liberdade financeira, segurança, proteção. Você poderia então se dedicar mais plenamente para auxiliar os outros, etc. Você poderia parar de trabalhar. Poderia ter esse carro e essa casa que você sempre quis. Você poderia comprar mais brinquedos para seus filhos, etc.

Hoje, você (leitor) será capaz de ganhar 100 milhões de dólares. Mas primeiro deve fazer apenas uma coisa – uma minúscula e pequena coisa. Você quer saber o que é isso? Você quer saber o que deve fazer para receber **100 milhões de dólares?** (Você está pronto?)

Tudo bem, o que você deve fazer é...

(Você ainda quer saber? Você está curioso?)

Tudo bem, então lá vai. Tudo o que você deve fazer é...prender sua respiração por 60 minutos. Depois de você fazer isso, eu terei em uma mão 100 milhões de dólares, e na outra mão, ar para respirar. Qual você escolherá?

Para todos que eu tenho feito esta pergunta, eles têm escolhido respirar. "Mas por quê?" "Você não queria os 100 milhões de dólares?"

O que se admite é que um suspiro é mais valioso do que 100 milhões de dólares! Cada sopro de ar é um dom – uma bênção divina sobre a qual somos normalmente ignorantes. Qual é a primeira coisa que fazemos quando chegamos ao mundo? Respiramos. Qual é a última coisa que fazemos antes de morrer? Respiramos.

Podemos ver que mesmo em uma única respiração, respiramos o valor de nossa vida inteira. Sem a respiração, morremos. Não podemos sobreviver sem ela. Ela é fundamental para nossa existência. Isto que afirma e dá força para a vida, é o laço que nos prende entre vida e morte. Esta é a oportunidade divina para respirar em vida mais uma vez.

Em uma centena de anos, o caso é que (muito provavelmente), nenhum de nós que está lendo este livro estará respirando. Teremos dado nosso último suspiro. A questão é: enquanto somos capazes de respirar este incrível dom, podemos estar cientes do incalculável valor deste dom? Geralmente somos gratos quando alguém nos concede um dom caro. Mas não reconhecemos que *Hananim* nos dá um dom mais valioso do que qualquer soma em dinheiro, toda vez que respiramos.

Se começamos com algo tão fundamental como a respiração, quão mais fácil é ser verdadeiramente grato por seu cônjuge ou seus filhos – verdadeiramente relacionado com uma mãe na China, um avô na Rússia, ou um filho na África? Você pode ver que tudo está conectado. Isto começa e termina com nossa própria consciência sobre vida e morte. Quando sabemos que não estaremos aqui em 100 anos, isto nos permite priorizar as coisas na vida que são verdadeiramente mais valiosas.

Depois de experimentar a perda de meu irmão, e compreender a um nível visceral, minha própria mortalidade, eu sei que para mim mesmo, minhas prioridades foram mudadas. Elas não são simplesmente querer ser famoso, ou rico, ou qualquer coisa assim. Ao invés, elas são o treinamento para *ser* compaixão, amor, humildade, gratidão, benevolência, veracidade, paciência, equanimidade, empatia, perdão, carinho, compreensão, gratidão e assim por diante.

Estes são princípios que não têm limites e por isso podemos experimentar uma sensação de felicidade, contentamento e força ilimitados, a partir destes princípios – e é claro, isto também significa que podemos *dar* ilimitada felicidade, compreensão e força para o mundo.

Entretanto, eu admito que sou inadequado e que falho freqüentemente. Eu fico frustrado, irritado, zangado, ressentido, etc. Eu digo para as pessoas que sou o maior hipócrita. Eu acredito que conhecer sua própria hipocrisia é essencial no caminho espiritual. Se alguém *não* está ciente disto, há somente espaço para se tornar ainda mais hipócrita. Se alguém está ciente disto, então terá esperança para seguir além disto. Para mim, a vida espiritual é sempre saber que “eu” sou um hipócrita. De fato, eu encontrei muita liberação ao admitir sinceramente para

mim mesmo que eu sou um hipócrita. Então, eu posso corrigir minhas insuficiências e aprofundar minha prática espiritual.

Para mim, este é o núcleo dos ensinamentos de nossos Verdadeiros Pais. Estes são os valores que durarão para sempre. Estes são os valores que são verdadeiramente transformadores. Mas eles devem ser lembrados, se não, nos tornaremos um movimento autocentrado em nosso próprio sucesso, como também em nosso próprio objetivo. Esqueceremos o sofrimento do mundo, o sofrimento de *Hananim* e definitivamente desprezaremos até mesmo a vida dos Pais.

Para mim, ser um soberano do *Cheon Il Guk*²² é tão simples, mas também tão difícil: o Movimento de Unificação é *apenas* tão amoroso quanto eu mesmo. O Movimento de Unificação é *apenas* tão compassivo como eu. O Movimento de Unificação é *apenas* tão pacífico como eu. Todos nós somos a *Federação das Famílias para a Unificação e Paz Mundial*. Você é o movimento. Você é o *Templo de Deus*, por assim dizer.

Para mim, a mais importante questão é, "seremos capazes de nos tornar tudo isso? – Seremos capazes de ser sinceros (*Jung Sung Sung*)." Se não, apenas estaremos sempre cantando sobre criar paz e felicidade mundial, e não fazendo algo muito mais importante – *ser*.

Quando eu duvido das pessoas, sinto dor.

Quando eu julgo as pessoas, é insuportável.

Quando odeio as pessoas, não há valor para minha existência.

Contudo, se eu acredito, sou enganado

Se eu amo, sou traído

Sofrendo e afligindo esta noite, minha cabeça em minhas mãos.

Eu estou errado? Sim, eu estou errado.

Embora somos enganados, ainda acreditamos,

Embora somos traídos, ainda perdoamos.

Ame completamente, mesmo aqueles que o odeiam.

Enxugue suas lágrimas e aceite com um sorriso

Aqueles que nada conhecem além da decepção,

E aqueles que traem sem arrependimento.

Oh, Mestre! A dor de amar! Olhe para minhas mãos.

Coloque Sua mão em meu peito.

Meu coração está estourando, de tanta agonia!

Mas quando eu amo aqueles que agiram contra mim, eu conquisto vitória.

Se você fez a mesma coisa,

Eu te darei a Coroa de Glória.

Sun Myung Moon, 'A Coroa de Glória' 1936

(escrito aos 16 anos de idade)

²² *Cheon Il Guk* é o termo coreano para *comunidade celeste* e se refere a uma aspiração comum das pessoas religiosas compartilhada pelos Unificacionistas para realizar um mundo de paz.

Notas

DESDE A PUBLICAÇÃO DO PRIMEIRO TRABALHO DE HYUNG JIN MOON, ATÉ ESTE MOMENTO, MUITOS ESPERAVAM ENTENDER MELHOR SEU PENSAMENTO E MOTIVAÇÃO. EM “UM CARECA E UM MORANGO”, O LEITOR PODE CONHECER A FONTE DE SUA INSPIRAÇÃO, SEU PENSAMENTO E SUA BUSCA RELIGIOSA. TEMOS UMA RARA E ESPIRITUALMENTE INSPIRADORA AUTOBIOGRAFIA QUE MOVERÁ SEU CORAÇÃO E SUA MENTE.

HYUNG JIN MOON NASCEU EM WESTCHESTER, NOVA YORK ONDE ELE RESIDE COM SUA ESPOSA E QUATRO FILHOS. ELE RECEBEU SEU BACHARELADO DA UNIVERSIDADE DE HARVARD, ONDE ELE ATUALMENTE PROSEGUE NA GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA RELIGIÃO.